

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
ESCOLA DE TEATRO E DANÇA DA UFPA
CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO

AMANDA CARNEIRO FIGUEREDO

TEATRO NA TERCEIRA IDADE:
Costurando vidas em cena

Belém-PA

2017

AMANDA CARNEIRO FIGUEREDO

TEATRO NA TERCEIRA IDADE:

Costurando vidas em cena

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Licenciada Plena em Teatro, sob a orientação do Professor Msc. Paulo Roberto Santana Furtado.

Belém-PA

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Universitária do ICA/ETDUFPA, Belém-PA

Figueredo, Amanda Carneiro

Teatro na terceira idade: costurando vidas em cena / Amanda Carneiro Figueredo; orientadora Prof. M. Sc. Paulo Roberto Santana Furtado. 2017.

Monografia de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em Teatro) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Arte, Escola de Teatro e Dança, Curso Licenciatura Plena em Teatro, 2017.

1. Teatro e idosos. 2. Teatro – aspectos sociais. 3. Idosos – recreação.
I. Título.

CDD - 22. ed. 792.044

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
ESCOLA DE TEATRO E DANÇA
LICENCIATURA PLENA EM TEATRO**

AMANDA CARNEIRO FIGUEREDO

**TEATRO NA TERCEIRA IDADE
Costurando vidas em cena**

Esta monografia foi julgada adequada para obtenção do título de *Licenciado Pleno em Teatro*, e aprovado na sua forma final pela Universidade Federal do Pará.

Data ___/___/___

Conceito: _____

Profº. M. Sc. Paulo Roberto Santana Furtado
Orientador – Escola de Teatro e Dança – ICA/UFPA

Profº. Dra. Sc. Ivone Maria Xavier de Amorim Almeida
Avaliador – Escola de Teatro e Dança – ICA/UFPA

Profª. M. Sc. Adriana Maria Cruz dos Santos
Avaliadora – Escola de Teatro e Dança – ICA/UFPA

**BELÉM
2017**

À mãe-amiga Marta
À colega-amiga Selma
Ao professor-amigo Paulo
Às alunas-amigas Elmira, Esmeralda Francisca, Gracita, Magá e Terezinha.

AGRADECIMENTOS

Foram quatro anos e alguns meses de muito estudo e grande apoio. Preciso agradecer ao tio *Zé* pela generosidade incomensurável de me abrigar na capital. Às vovós *Noêmia* e *Socorro* por tanto incentivo. Aos avô e tio *Amílcar* por todo o suporte. Às tias *Gilberta* e *Ignácia* por estarem sempre à disposição. Aos manos *Igor* e *Taís*, por se preocuparem. Aos amigos *Edivaldo*, *Amanda* e *Isabela M.*, *Geruza*, *Amoura*, *Zuleide*, *Oton*, *Nayara* e *Marcela* por ajudarem e alegrarem. Aos amigos *Rodolfo* e *Hiago* por tudo, absolutamente. Aos professores por compartilharem caminhos do saber. Às alunas *Francisca*, *Magá*, *Gracita*, *Terezinha*, *Esmeralda* e *Elmira* por me inspirarem. Ao professor *Paulo* pela confiança e por dar segurança. À Selma pelo companherismo. Aos colegas de turma pelo acolhimento, principalmente àqueles que se tornaram meus amigos lindinhos: *Renata*, *Rodrigo* e *Caled* – especiais em meu coração. À mamãe, *Marta*, por ser e estar completamente por mim e por todos que ama.

RESUMO

Teatro na Terceira Idade: Costurando Vidas em Cena, registra em cinco cartas pessoais, cada uma com um destinatário diferente, o percurso da aluna Amanda Carneiro Figueredo, enquanto bolsista e estagiária do Projeto de Extensão Teatro, Memória, Música e Poesia na Melhor Idade. Através de uma perspectiva subjetiva – entremeada de descrições e reflexões, lembranças e emoções, que procura aproximar vários campos do conhecimento, como o artístico, empírico e científico – este trabalho apresenta considerações sobre a inserção do idoso no universo teatral como protagonista da cena e sobre o trato com a memória de velhos por meio do teatro; discorre sobre o trabalho de uma professora de teatro em gestação; sobre uma oficina de teatro com idosos embasada nos jogos de Augusto Boal e sobre uma montagem teatral realizada a partir desta oficina; sobre a relação da escritora com seus colegas de trabalho, suas alunas, o contexto em que o projeto foi desenvolvido e suas íntimas observações. Com uma escrita livre, um olhar ora brando, ora apurado, este estudo vem unir perspectivas e criar sua própria Colcha de Retalhos de saberes.

PALAVRAS-CHAVE: Teatro-Memória. Cartas. Terceira Idade.

ABSTRACT

Theater in the Elderly Age: Sewing Lives in Scene, records in five personal letters, each with a different recipient, the course of the student Amanda Carneiro Figueredo, while scholarship and trainee of the Extension Project Theater, Memory, Music and Poetry in the Best Age. Through a subjective perspective - interspersed with descriptions and reflections, memories and emotions, which seeks to approach various fields of knowledge, such as the artistic, empirical and scientific - this work presents considerations about the insertion of the elderly in the theatrical universe as protagonist of the scene and about dealing with the memory of old people through the theater; discusses the work of a theater teacher in gestation; about a theater workshop with seniors based on the games of Augusto Boal and about a theatrical production made from this workshop; about the relationship of the writer with her colleagues, her students, the context in which the project was developed and her intimate observations. With a free handwriting, a gazing now and then, this study brings together perspectives and create your own Knowledge Retouching Quilt.

KEYWORDS:Theater-Memory.Letters.Third Age.

SUMÁRIO

1. CARTA CONVITE.....	09
2. RECORTE 1.....	10
2.1. CARTA MELHOR IDADE.....	11
2.2. REFERÊNCIAS DA CARTA MELHOR IDADE.....	16
3. RECORTE 2.....	17
3.1. CARTA VELHICE.....	18
3.2. REFERÊNCIAS DA CARTA VELHICE.....	27
4. RECORTE 3.....	28
4.1. CARTA OFICINA.....	29
4.2. BIBLIOGRAFIA DA CARTA OFICINA.....	35
5. RECORTE 4.....	36
5.1. CARTA MONTAGEM.....	37
5.2. BIBLIOGRAFIA DA CARTA MONTAGEM.....	45
6. RECORTE 5.....	46
6.1. CARTA REFLEXÕES.....	47
6.2. REFERÊNCIAS DA CARTA REFLEXÕES.....	57

CARTA CONVITE

Caríssimo Leitor,

Permiti-me devanear e me aventurar na escrita. Recortei relações, experiências, reflexões, emoções e sensações que me transpassaram de março de 2016 a março de 2017, período em que estive vinculada ao projeto de extensão Teatro, Memória, Música e Poesia na Melhor Idade. Costurei estes recortes e os transformei em cartas: registros que procurei tecer da forma mais afetuosa e sincera possível, e que são para mim um meio de comunicação muito especial, pois enlaçaram por muito tempo minhas relações familiares.

Convido-o, amigo leitor, a bisbilhotar cada uma delas, que se somam 5 no total, e ir descobrindo, devagarzinho, o que eu percebi, conquistei, aprendi, ensinei e superei durante as etapas do projeto. Nestas cartas o tempo que impera é o meu tempo subjetivo: o tempo do olhar da Amanda. Ou melhor, dos múltiplos olhares! Da(s) Amanda(s): aluna, professora, colega, bolsista, filha, amiga... Amanda repleta de atravessamentos acadêmicos, artísticos e empíricos que esta escritura procura expressar. E expressar da forma como se deram: sobrepostos, interligados, interdependentes.

A disposição das cartas não segue uma cronologia, mas sim intuições e organizações internas que pulsam a fim de alcançar o exterior. Por isso peço que as leiam. Nelas escrevi sobre tudo o que me tocou nos estudos sobre a MELHOR IDADE, sobre minhas experiências com a VELHICE, sobre o desenvolvimento da OFICINA teatral com idosos, sobre a realização da MONTAGEM teatral chamada Colcha de Retalhos e sobre as minhas REFLEXÕES dentro deste processo – que institucionalmente durou um ano, mas que, para mim, faz parte de um contínuo despertar para as questões da vida.

Eu acredito que quando escolhemos um destinatário para nossas cartas e a ele as enviamos, traçamos uma relação única e profunda. Compartilham o sum pouco da nossa alma e nos abrimos para o outro. Desta forma, dedicamos um tempo especial à organização de ideias que fluam para nosso receptor. Escolhemos palavras, fazemos e desfazemos frases, arquitetamos um mundo em papel, fiamos nossos pensamentos: tudo para o outro. Cartas são doação.

Aqui me doo para pessoas muito importantes que caminharam comigo nessa nova experiência que foi dar aulas para e produzir um espetáculo teatral com pessoas da terceira idade. Portanto, espero que você, meu leitor, entregue-se a estas narrativas, assim como me entreguei com muito amor a cada momento, a cada relação e a cada saber em minhas cartas costurados.

Com toda estima,

Amanda Carneiro Figueredo.

RECORTE 1

A carta MELHOR IDADE foi escrita no mês de janeiro de 2017, após a conclusão de todas as atividades do projeto de extensão Teatro, Memória, Música e Poesia na Melhor Idade.

Foi destinada a uma das alunas do projeto e cita pessoas que também participaram dele, tais como:

Rita e Francisca: Alunas

Paulo: Coordenador

Selma: Bolsista e estagiária

CARTA MELHOR IDADE

Querida Gracita,

Estou muito feliz por ter te conhecido através do projeto Teatro, Memória, Música e Poesia na Melhor Idade. Como sempre me acontece, toda vez que conheço alguém com a áurea tão boa quanto a tua, penso que não poderia ter sido diferente, que não poderia ter vivido sem saber da existência de gente tão admirável. Pessoas como tu, Gracita, que falam tão abertamente dos próprios sentimentos, dão-me força, compartilham vida. És um dos exemplos de como o projeto tem potencial e pode ajudar muita gente a, como tu mesma disseste, “fazer as pazes consigo”. Por isso o projeto é nosso. Ele pertence não só ao professor Paulo ou a mim e a Selma, mas a todas vocês que se dedicaram a ele com tanto amor. Sabes que não posso citar todas as pessoas que por meio dele se envolveram com o teatro (lembras que no início eram 35 os inscritos na oficina?!), mas preciso citar todas vocês que estiveram conosco até o final e que expandiram a minha colcha de afetos: tu, afável Gracita, a extrovertida Magá, a doce Francisca, a dedicada Elmira, a cativante Esmeralda e a destemida Terezinha.

É sempre interessante conversar contigo, Gracita. Aprendo muito. No nosso último encontro, lembro-me, conversávamos sobre a velhice e uma das tuas falas me fez refletir a esse respeito. Disseste que tu não consideras a terceira idade como a melhor idade e não gostas quando as pessoas procuram amenizar ou disfarçar a velhice em si, tentando torná-la o que não é: um período que só traz maravilhas para quem o vive. Disseste que gostas do real, gostas da palavra velho/a, não tens problema ou pudor com ela. Teu discurso se assemelhou muito ao do meu avô materno, o vovô Amílcar. Também ele não se sente à vontade com o terno melhor idade, mas diferente de ti, ele tem muita dificuldade com todos os termos que englobam o universo da velhice, pois a própria longevidade o incomoda. Outra pessoa que me vem à mente quando trato desse tema é uma das tuas colegas de oficina, a Rita. Não sei se estavas presente quando a Rita contou a seguinte história:

Ritinha era uma menina que, aos 20 anos, desejava estar com 40.

Aos 40, a menina Ritinha pensou que o bom mesmo eram os 50...

Não gostou dos 50, então Ritinha se deu conta que, na verdade

os 60 seriam os seus melhores anos!!!

Agora, aos 60, sonha em voltar para os 20...

Todos que estavam presentes e ouviram, riram do relato da Rita, pois, como tu sabes, apesar dela supostamente desejar o regresso aos anos de juventude, desfruta intensamente das possibilidades que sua nova condição a proporciona. Isso, claro, não faz com que seu discurso seja falso. Talvez a Rita, bem como o vovô Amílcar, mesmo sendo uma idosa que goza de situação financeira estável e de disponibilidade para realizar as tarefas das quais tanto gosta, ainda assim, sinta pela velhice certo desgosto e até inconformismo, o que me preocupa.

Tu mesma declaraste, Gracita, que apesar de hoje teres tempo e poderes fazer as aulas de canto como sempre sonhaste, além de participar de oficinas de teatro, de artesanato e outras atividades do teu genuíno interesse; foram teus melhores anos os da casa dos 30. Por quê? E porque a necessidade que temos de estabelecer uma melhor época para as nossas vidas?

Existe um escritor que contribuiu muito para a minha formação. Ele é importantíssimo para mim e até quando cito seu nome, Hermann Hesse, sinto felicidade. O Hermann (se ele soubesse que ousou tratá-lo pelo primeiro nome!), entre os 70 e 84 anos, escreveu vários textos sobre diversos temas. Em um de seus textos, intitulado “SOBRE A VELHICE”, ele dá o seu parecer a respeito dela por meio da soma de toda experiência vivida até ali. Ele diz que:

“A velhice é uma fase de nossas vidas, e como todas as outras tem seu rosto próprio, uma atmosfera e temperatura próprias, alegrias e aflições próprias.”¹

Sentiste o desembaraço com que Hermann trata essa etapa da vida humana?

Ao meu ver, o escritor não pretende simplificar a experiência da velhice quando a resume nessas duas linhas. Na verdade, para mim, ele procura desmistificá-la e tenta amenizar as pressões as quais ela é constantemente exposta dado os valores da nossa sociedade serem destinados somente à juventude. É incrível como ele reconfigura a velhice e a descomplica, tratando-a como vivência única, e ao mesmo tempo tão original como outras da vida humana, apreciando a nossa possibilidade de transformação e nosso potencial de reinvenção, afinal, todos nós, crianças, jovens e velhos, estamos em constante envelhecimento.

Mas sei que não será uma única frase de um autor nem tão lido em nosso meio que vai modificar todo um pensamento preconceituoso com relação à velhice.

¹HESSE, 1999, p.113

*Pelo que eu vejo, Gracita, esse pensamento representa uma cultura que pretende marginalizar o idoso. É um pensamento perverso que impregna nosso imaginário nos fazendo dar crédito à falácia de que a velhice é sinônimo de doença e morte. Este tipo de ideia vejo muito bem representada em um dos primorosos diálogos entre os personagens da obra-prima *O Retrato de Dorian Gray*, de Oscar Wilde, precisamente quando Lorde Henry, senhor respeitado da sociedade londrina do final do século XIX, aconselha o belo jovem Dorian a venerar sua própria juventude.*

“Algum dia quando estiver envelhecido, enrugado, feio, quando a meditação lhe tiver murchado a fronte com as suas rugas e a paixão marcado seus lábios com horríveis estigmas, senti-lo-á, senti-lo-á terrivelmente. [...] Sim, Sr. Gray, os deuses foram generosos para com o senhor. Mas o que os deuses dão, tomam logo em seguida. O senhor não tem senão uns poucos anos para viver verdadeiramente, perfeitamente, plenamente. [...] Cada mês, à medida que passa, aproxima o senhor cada vez mais de algo terrível. [...] O senhor empalidecerá, vincar-se-ão as suas faces e apagar-se-ão os seus olhos. Sofrerá horrivelmente... Ah! Aproveite a sua juventude enquanto a tem. [...] Por algum tempo o mundo lhe pertence... [...] Pois sua juventude terá tão pouco tempo de vida... Tão pouco! As flores vulgares do campo murcham, mas reflorescem. [...] Nós, porém, jamais revivemos nossa juventude. O arrebatamento da alegria que palpita em nós aos vinte anos vai-se enfraquecendo. Os nossos membros se cansam, os nossos sentidos se embotam. Todos nós nos convertemos em horrorosos fantoches, alucinados pela lembrança das paixões de que tivemos demasiado temor, e das esquisitas tentações a que não tivemos coragem de ceder. Juventude! Juventude! Não há absolutamente nada no mundo, senão a juventude!”²

Juventude ligada à plenitude e velhice ligada à estigma. A noção que aqui se estabelece é a de que a vida tem seu ápice, e se fôssemos compará-los, vida e ápice, com montanha e cume, respectivamente, teríamos numa das bases da montanha a criança que escala natural e prazerosamente até este cume, lugar onde só se chega jovem e de onde se enxerga perfeitamente e verdadeiramente, e dele ~~o declínio~~ a descida seria sofrível, causando a tal ponto um horror, que à base oposta só se chegasse velho (no pior sentido da palavra). Além disso, no topo se encontra o modelo ideal do sentir, já que a alegria é somente expressa com arrebatamento no jovem, restando ao velho senti-la, sim, porém de forma enfraquecida.

² WILDE, 1980, p.32-3

*Não acredito, Gracita, que este tipo de pensamento seja razoável. Não posso crer que a vida tenha seu clímax, como as peças escritas sob o regimento da dramaturgia clássica, que apresenta nas etapas de exposição, ascensão da ação, clímax, queda e catástrofe a decomposição de sua fábula³. Ou este clímax, que remeto aqui à tua noção de melhor idade, seria parte de uma visão que vincula juventude à beleza? Nesse caso, a beleza seria um atributo apenas da juventude? A primeira coisa que me vem à cabeça quando penso nesse assunto são dois trechos do livro *Persuasão*, da escritora Jane Austen, que muito me marcaram. Os dois momentos estão relacionados com a personagem principal, Anne, uma moça na casa dos 27 anos, solteira, e um exemplo dos efeitos que uma sociedade, como a sociedade inglesa do início dos anos 1800, pode causar a uma mulher acostumada a ser coagida, a sentir-se sempre em débito com sua aparência.*

Trecho 1: “Quando chegaram aos degraus que subiam da praia, um cavalheiro que naquele mesmo instante se preparava para descer educadamente retrocedeu e parou para lhe dar passagem. Eles subiram e passaram por ele; e ao passarem o rosto de Anne captou seu olhar, e ele olhou para ela com tamanha admiração, que não podia deixá-la insensível. Ela estava muito atraente; seu rosto muito regular e muito bonito, com o frescor da juventude restaurado pela brisa que soprava sobre a pele e pelo brilho nos olhos que isso também produzia. Era evidente que o cavalheiro (de maneiras totalmente dignas de um cavalheiro) a admirou demais.”⁴

Trecho 2: “Mas, felizmente, ou Anne tinha um aspecto melhor, mais cheinha e bonita, ou lady Russell imaginou que assim o era; e Anne, ao receber os seus cumprimentos, divertiu-se relacionando-os com a silenciosa admiração do seu primo e na esperança de ser abençoada com uma segunda primavera de juventude e beleza.”⁵

Jane Austen não costuma falar pouco sobre a beleza da mulher em seus livros, mas essa beleza nunca vem desassociada de um peso de obrigatoriedade e – além de ser um tipo de beleza específica, que tinha as suas tendências na época – seus textos tornam palpável o valor que esse atributo conferia à mulher. Na verdade, era quase que o único predicado do qual a mulher deveria dispor. Por isso, Gracita, por mais que eu goste tanto da Anne, entristece-me sua insegurança no tocante a própria aparência – bem sei que este inconveniente não é exclusividade da personagem ou daquela sociedade, sendo as nossas mulheres

³PAVI, 2008, p.87

⁴AUSTEN, 2010, p.97-8

⁵Idem, ibidem, p.112

ainda expostas a esse corrosivo ideal – e ao fato tão natural dos anos estarem passando e seu corpo se modificando.

Vês? Esse assunto rende um bocado. Penso que o melhor caminho que temos a percorrer é o de discutir sobre, sem a preocupação de chegar a um ponto final no debate. A tua inquietação mexeu comigo. Melhor idade... Melhor idade... Fui atrás da origem desse termo e o mais próximo que cheguei de descobri-la foi através dos estudos da Natália Barbieri. Li um artigo dessa doutoranda em Saúde Coletiva pela Universidade de São Paulo (ela também é psicóloga e psicanalista!) que diz o seguinte:

“Entre os idosos contemporâneos, é muito comum encontrar mulheres de diversos extratos sociais descobrindo novos prazeres, como dançar, ter novos amigos, viajar, atividades antes restritas ao ambiente familiar, e muitas vezes vetadas pelos maridos. Nas Universidades Abertas a Terceira Idade, nos vários centros sociais (entre eles o SESC), bailes, entre outros espaços, as mulheres são maioria e muitas relatam com orgulho as novas descobertas e a nova vida que se revelou com a velhice. A velhice, nesses casos, costuma ser representada como a “melhor idade” da vida.”⁶

Logo que li esta parte do artigo lembrei, sabes de quem? Da Francisca! Desconfio que se perguntássemos a ela sobre qual foi a sua melhor idade, ela diria que sua melhor idade está sendo vivida agora, perto dos 70 anos. Isso porque pelo que entendi de sua fala em nosso último encontro, por mais que fosse feliz na infância com os pais e irmãos, e posteriormente na vida adulta com o marido e filhos, só agora ela era livre para fazer as atividades que lhe interessavam, sem o peso de tantas obrigações enquanto filha, esposa e mãe. Seus filhos já são adultos, seus pais faleceram assim com seu esposo. Ela se encontrou, finalmente, consigo. Então não seria errado dizer que para ela a terceira idade é a melhor idade. Presumo que o ruim seja querer impor para tantos indivíduos diferentes e que viveram e vivem de forma tão desigual, um termo que englobe os sentimentos de todos com relação a esta etapa chamada velhice.

Inclusive a Natália B. termina seu artigo dizendo que “Não se trata [...] de enquadrar a velhice entre a melhor ou pior idade, mas sim poder manter tensionadas as diversas variáveis que se encontram no envelhecer humano”⁷. Manter tensionadas as diversas variáveis... É isso mesmo! Vou sugerir para o Paulo que modifiquemos o nome do projeto no que se refere a parte de definir o idoso na expressão MELHOR IDADE, e, ao invés disso, propor uma discussão com

⁶BARBIERI, 2012, p.116

⁷Ibidem, p.119

vocês (o grupo que participou ativamente do processo) acerca dessa temática. Acredito que a intenção do nome Teatro, Memória, Música e Poesia na Melhor Idade, fosse, para nós, que estivemos na parte de planejamento do projeto, trazer positividade desde o título que iria chegar até vocês e fazer o público alvo associar o teatro ao melhor, pois para nós ele realmente é o melhor!

Gracita, não precisas se preocupar! Tudo isso são conjecturas minhas sobre a velhice. Para mim é de uma importância tremenda saber o que vocês, que a vivem na pele (no corpo em sua totalidade), elaboram e reelaboram sobre todo esse processo. São muitas mudanças. Com certeza nem todas são bem vindas. Eu me atualizo a cada relato de vocês que me atravessa, revejo minhas leituras, mudo de lente. Imagino que o interessante seja buscar espreitar sempre por frestas diferentes e manter longe o vício da acomodação. Nem no teatro, nem na academia esse vício é permitido e, afinal, como tu sabes bem, nem na vida.

Grande abraço da professora que te admira,

Amanda Carneiro.

REFERÊNCIAS DA CARTA MELHOR IDADE

AUSTEN, Jane. **Persuasão**. Tradução Roberto Leal Ferreira – São Paulo: Martin Claret, 2010.

BARBIERI, Natália. **Velhice: melhor idade?** Revista O mundo da saúde. São Paulo – 2012; 36(1):116-119.

HESSE, Hermann. **Felicidade**. Tradução de Lya Luft – Rio de Janeiro: Record, 1999.

PAVI, Patrice. **Dicionário de teatro**. Tradução de J. Guinsburg e Maria Lucia Pereira. 3ª ed - São Paulo: Perspectiva, 2008.

WILDE, Oscar. **O retrato de Dorian Gray**. Tradução Oscar Mendes – São Paulo: Abril Cultural, 1980.

RECORTE 2

A carta VELHICE foi escrita no mês de agosto de 2016, após a conclusão da primeira etapa do projeto Teatro, Memória, Música e Poesia na Melhor Idade – a etapa da oficina teatral.

Foi destinada ao professor coordenador do projeto, Paulo Santana, e cita lugares como:

ONG Centro da Terceira Idade Palácio Bolonha, onde a oficina teatral foi realizada.

CARTA VELHICE

Caro Paulo,

Tenho muito sobre o que te escrever quando me pedes para falar da velhice. Mas, para ser de algum modo organizada dentro dos infindáveis pensamentos, leituras e vivências que possuo a propósito deste tema, escolho te expor tudo o que passa pela minha cabeça a partir de duas perspectivas: da velhice como a entendia ou via antes de ser tua bolsista no projeto Teatro, Memória, Música e Poesia na Melhor Idade, e da velhice como a venho compreendo hoje, depois de iniciar esta vivência com as idosas do Bolonha, agora minhas amigas. Se trata daquela antiga fórmula do antes e depois, mas, diferente dos programas televisivos que mantêm a narrativa clichê do primeiro como inadequado, ruim ou ultrapassado, e do segundo como adequado, bom e atual, não procurarei trabalhar com oposições, pelo contrário! Vou atrás de identificar o que do meu entendimento sobre a velhice se sobressaiu nesses dois momentos distintos, tendo em vista que ambos fazem parte de um processo maior e inesgotável de conhecimento em todas as suas dimensões.

Sou uma afortunada de velhos. Tive a sorte de nunca ter sido privada da convivência com eles. Os que cito, por serem donos da dedicação primeira de minha ternura, são minhas avós Noêmia e Socorro, meus avós Antônio e Amílcar e minhas bisavós Nila e Isaura. Eles todos vivem em Castanhal, onde nasci e cresci, por isso quando se trata de família, nenhum deles escapa das minhas lembranças. Preciso resgatar ainda, para me sentir em débito com esta linha genealógica de afetos, a memória do meu bisavô Jesus, que me marcou profundamente, não sei dizer ao certo porquê. Talvez essa marca tenha se fixado quando um parente me disse que ele gostava muito de mim e me chamava de “pretinha” e por isso quando falo dele e vejo minha foto criancinha em seu colo magro, de alguma forma, sei que ele muito me amava e sinto que esse amor ainda está em mim. Da mesma forma que me comoveu saber que a vovó Socorro voltou de São Paulo, onde morou por muitos anos, para me conhecer. Eu, sua primeira neta. Essas histórias e outras mais que descobri fizeram parte de minha formação enquanto pessoa, influenciaram-me a ver os avós, minha primeira referência de velhos, como seres de amor.

O que aprendi desde cedo com minha mãe, Marta, foi a ter um respeito incomensurável pelos idosos. Ela foi criada na casa da avó (minha bisá) Nila e por esse convívio adquiriu desde cedo um discernimento que devota ao idoso lugar sacralizado na família. Não estou exagerando. O idoso está no topo hierárquico da minha linhagem materna, suas necessidades são prioridade e sua voz, até o último momento de lucidez, é a primeira a ser ouvida. Sua dignidade está desvinculada das noções de produtividade, intelectualidade ou capacidade física, sendo antes um atributo da própria velhice, como uma recompensa simbólica pelos muitos anos de vida e por todo o tesouro de memórias que carrega em si, resguardado e pronto para revelar-se por meio de histórias. Os Carneiro⁸ adoram histórias.

O que acho mais interessante na cultura da minha família materna, Paulo, é a autonomia que os velhos dispõem para decidirem a respeito do que querem para eles mesmos, sendo, dentro das margens da conveniência e sensatez, sempre obedecidos. Ou seja, não se trata de um poder exercido sobre a vida dos outros de seu mesmo sangue, mas sobre a qualidade de sua existência, a partir de seus próprios termos. Hoje sei que essa característica da relação entre as gerações dos Carneiro não é vista em todas as famílias. Pelo contrário, muitos núcleos familiares subtraem a influência do indivíduo assim que este passa a ser reconhecido como idoso, principalmente quando isso significa uma certa perda em seu poder aquisitivo.

Todos esses valores da família Carneiro me foram passados sem manual, recebi-os através da convivência. Sei hoje, Paulo, que esse respeito imenso fez-me também desenvolver, quando criança, certo receio pelos mais velhos, por agregarem tamanha autoridade. De todos os parentes que possuo nesta família, a minha bisavó Nila era o alvo de meu temor e eu quase não conseguia falar com ela, por medo de ofendê-la. Da mesma maneira, demorei para ver o meu avô Amílcar como alguém acessível. A tendência era uma forte reverência e um grande distanciamento entre os jovens e os mais velhos.

*Por outro lado, a família Figueredo (paterna), por ser menos antiga e conservar quase nenhuma tradição, tem tido grandes dificuldades de lidar com seus idosos, a vovó Noêmia e o vovô Antônio. A primeira dificuldade, observei, foi o próprio reconhecimento da velhice por parte tanto dos filhos – meus tios e tias que até pouco tempo se recusavam a enxergar seus pais como “velhos” – quanto dos próprios que adentraram essa fase – meu avô Antônio não se admite velho, a não ser quando lhe receitam um novo medicamento ou quando sente-se excluído dos debates familiares, nessas horas ele diz: “ninguém escuta o velho...”. O uso da palavra **velho** foi sempre designado para o que era enfadonho, obsoleto e desnecessário. A juventude e suas qualidades sempre foram alvo de elogios.*

⁸Sobrenome da minha família materna.

Quando li pela primeira vez a peça de Shakespeare, O REI LEAR, não pude deixar de comparar as intempéries que o rei bretão viveu – após destinar à sua primogênita, Goneril, e à sua segunda filha, Regana, todo seu reino, abdicando de sua soberania – aos muitos conflitos pelos quais passam os Figueredo, devido, justamente, ao jogo de poder evidente em seu seio. Meus avós se acostumaram a centralizar o comando e dar conta de todas as relações familiares e hoje, por não possuírem mais força para tal, chegam a sofrer. A velhice para eles significa perda do controle sobre suas vidas e dos demais parentes.

OBSERVA ESSE TRECHO DA PEÇA!

Goneril: Irmã, não é pouco o que tenho a te falar de coisas que nos interessam mutuamente. Acho que nosso pai partirá esta noite.

Regana: É mais que certo; e vai contigo. Ficaré conosco o mês que vem.

Goneril: Tu vês como é cheia de mudanças a velhice. A experiência que tivemos foi bem grave; ele [o Rei Lear] sempre gostou mais de nossa irmã; e a falta de critério com que a repudiou agora se mostrou de maneira bem grosseira.

Regana: É um mal próprio da idade; aliás, nunca teve um maior conhecimento de si próprio.

Goneril: Mesmo no tempo melhor e mais saudável de sua vida sempre foi um imprudente: devemos esperar de sua velhice não apenas os defeitos há muito tempo adquiridos e entranhados mas também a impertinência e os caprichos que chegam com os anos de senilidade e doença.⁹

O que pensas disso tudo, Paulo? Vejo o comportamento das filhas mais velhas de Lear como um mau exemplo. Em vários momentos da peça me indigno ao vê-las expor o pai à mais abjeta violência simbólica. Ambas se dispõem a tratá-lo como um doente mental apenas por ser velho, ambas impõem suas vontades ante a de seu pai sem reconhecerem estar destruindo não somente sua figura real, mas sua figura humana. Do poder Lear já havia abdicado, só não esperava, por este motivo, ver sua honra usurpada, fazendo com que morresse antes de seu corpo, toda sua autoestima.

“A tragédia mais exacerbada, seja em Atenas ou no Teatro Globe, terá natureza doméstica, será uma tragédia de sangue, em duplo sentido. Ao final de uma encenação, ou da leitura do texto de Rei Lear, não queremos

⁹ SHAKESPEARE, 2015, p.17-8

admitir que o doméstico é, necessariamente, trágico, mas talvez seja essa a grande afirmação niilista da peça.¹⁰

O comentário que destaquei acima, Paulo, é do crítico Harold Bloom, e quando li suas explicações sobre Rei Lear fiquei tão ou mais chocada do que ao ler a peça em si. Perguntei-me se existe um motivo para tantos conflitos no âmbito familiar e se a questão das gerações e seus diferentes valores não são a causa da maioria desses desentendimentos.

Um personagem da minha infância que não era nada shakespeariano, mas do bairro mesmo, se chamava Seu Cara Branca. Ou melhor(!), era conhecido assim. Ele era um senhor de seus 70 anos, por aí, e costumava ir de casa em casa da vizinhança nos fins de tarde de Castanhal.

Acredito que o Seu Cara Branca seja minha primeira referência de velho externa à família. Eu não o entendia e achava que tinha alguma coisa muito errada com ele. Isso porque o Seu Cara Branca, por mais que fosse apresentado às pessoas e tivesse conhecimento de seus nomes, descartava-os e dava a elas uns novos do seu próprio gosto e, segundo ele, nomes que eram “a cara” de quem quer que fosse. Por exemplo, eu era chamada pelo Seu Cara Branca de Miguelina. Miguelina! Vê se pode, Paulo? Eu não gostava. O Seu Cara Branca, pouco se importando ou percebendo minha rabugice, continuava a me chamar assim durante muitas tardes, quando nos dispúnhamos na calçada em frente de casa para ver o pôr-do-sol, e de lá, depois de reclamar um pouco da velhice e da solidão, ele seguia para outras tantas calçadas vizinhas, com seu andar lento, corpo meio curvado, olhar distraído e sorriso pouco alegre.

Muito tempo depois, através da leitura do livro Memória de minhas putas tristes, de Gabriel García Márquez, é que fui apresentada à algumas estrelas a mais do universo do idoso. Na capa a imagem era de um senhor de costas andando até um pouco parecido com o Seu Cara Branca, mas na época não fiz essa comparação.

No ano de meus noventa anos quis me dar de presente uma noite de amor louco com uma adolescente virgem. Lembrei de Rosa Cabarcas, a dona de uma casa clandestina que costumava avisar aos seus bons clientes quando tinha alguma novidade disponível. Nunca sucumbi a essa nem a nenhuma de suas muitas tentações obscenas, mas ela não acreditava na pureza de meus princípios. Também a moral é uma questão de tempo, dizia com um sorriso maligno, você vai ver.

¹⁰ BLOOM, 2000, p.606

Era um pouco mais nova que eu, e não sabia dela fazia tantos anos que poderia muito bem estar morta. Mas no primeiro toque reconheci a voz no telefone e disparei sem preâmbulos:

— É hoje.¹¹

Pronto. Havia sido enfeitiçada pela ousadia e franqueza desse personagem, fruto da genialidade de Gabriel García Márquez, tão logo terminei o primeiro parágrafo. Daí em diante, conhecendo melhor a rotina desse nonagenário de mente fértil, ácida e divertida, além de cheia de boas e más memórias e muitos desejos, fui me deparando com suas questões sobre a velhice e a vida, e me encantei com sua postura, com suas prospecções.

Fazia meses que tinha previsto que minha crônica de aniversário não seria o mesmo martelado lamento pelos anos idos, mas o contrário: uma glorificação da velhice.

Comecei por me perguntar quando tomei consciência de ser velho, e acho que foi pouco antes daquele dia. Aos quarenta e dois anos havia acudido ao médico por causa de uma dor nas costas que me estorvava para respirar. Ele não deu importância: É uma dor natural na sua idade, falou.

— Então — disse eu —, o que não é natural é a minha idade.

O médico me deu um sorriso de lástima. Vejo que o senhor é um filósofo, disse ele.

Foi a primeira vez que pensei na minha idade em termos de velhice, mas não tardei a esquecer o assunto. E me acostumei a despertar cada dia com uma dor diferente que ia mudando de lugar e forma, à medida que passavam os anos. [...]

Na quinta década havia começado a imaginar o que era velhice quando notei os primeiros ocos da memória. Revirava a casa buscando meus óculos até descobrir que os estava usando, ou entrava com eles no chuveiro, ou punha os de leitura sem tirar os de ver de longe. Um dia tomei duas vezes o café da manhã porque me esqueci da primeira, e aprendi a reconhecer o alarme de meus amigos quando não se atreviam a me lembrar que estava contando a mesma história que havia contado na semana anterior. Naquele tempo tinha na memória uma lista de rostos conhecidos e outra com os nomes de cada um, mas no momento de cumprimentar não conseguia que as caras coincidissem com os nomes.

Minha idade sexual não me preocupou nunca, porque meus poderes não dependiam tanto de mim como delas, e quando querem elas sabem o como e o porquê. Hoje em dia dou risada dos rapazes de oitenta que consultam o médico assustados por causa desses sobressaltos, sem saber que nos noventa são piores, mas já não importam: são os riscos de estar vivo. Em compensação, é um triunfo da vida que a memória dos velhos se perca para as coisas que não são essenciais mas raras vezes falhe para as que

¹¹ MÁRQUEZ, 2005, p.5

de verdade nos interessam. Cícero ilustrou isso de uma penada: Não há ancião que esqueça onde escondeu seu tesouro.¹²

O olhar bem humorado para a sua condição de velho, trazendo, somente neste recorte da obra, tantas experiências e sabedorias que só muitos anos de idade podem agregar ao indivíduo, tiraram de mim qualquer resquício de pensamento que pudesse diminuir a humanidade do idoso, como alguém incompleto pelas perdas irreversíveis de seus sentidos. Pelo jeito espontâneo e tranquilo com que Márquez descreve seu “noventão”, chega a parecer interessante alcançar essa fase da vida, o que, em geral, os jovens repudiam até pensar.

Se esta carta fosse, entre nós, Paulo, um diálogo direto, perguntar-te-ia agora quais são as tuas referências de velho e velhice da infância e juventude e como enxergas essa caminhada da terceira e quarta idade¹³ agora. Sei que tu pensas que a qualidade de vida do idoso pode ser ainda melhor e que o teatro tem muito a contribuir com isso – senão não terias te esforçado na criação de um projeto que desse a oportunidade a esse público de rever suas histórias, seu lugar social e familiar através do teatro. Então, como não tenho a tua resposta de imediato, vou continuar minha narrativa, agora tratando das minhas experiências com a velhice a partir do meu mergulho no projeto e nas leituras. Pois bem, continuemos.

No espaço cedido pela ONG¹⁴ para a realização das nossas oficinas com a terceira idade havia um grande espelho, daquele típico das salas de ensaio de balé, de onde se podia ver o corpo todo. Ele era amplo em comprimento também, possibilitando que várias pessoas, dispostas uma ao lado da outra, pudessem se ver perfeitamente. Num certo dia de oficina, numa altura em que somente mulheres participavam – o único homem inscrito havia abandonado as aulas –, pedi para as senhoras, ao fim de um aquecimento bem animado, dirigirem-se ao espelho sem saírem do ritmo que estavam, pois a música (uma lambada) ainda tocava. O comando anterior a esse era: “dancem como se estivessem num baile e fossem, cada uma, a mulher mais linda, desejada e sedutora do salão, quero ver olhares poderosos, segurança nos passos... Vocês são as melhores dançarinas do mundo!”. Portanto, ao direcionarem-se ao espelho, elas ainda deviam obedecer à essa instrução, mas agora, observando seus próprios reflexos e mantendo a mesma ideia de poder e sedução em mente. Uma delas, no entanto, desistiu da tarefa nesse exato momento e disse “eu não gosto de ver velho!”, continuando a dançar no salão, ignorando o comando por se recusar a ver sua autoimagem.

¹²MÁRQUEZ, 2005, p.6-7

¹³ Segundo FRAIMAN (2004), a terceira idade vai dos 60 aos 79 anos e a quarta idade engloba dos 80 aos 99 anos de idade.

¹⁴ Organização não-governamental Centro da Terceira Idade Palácio Bolonha.

Início, Paulo, a segunda parte da minha reflexão sobre a velhice com esta anedota, pois ela, além de ter me impressionado quando a vivi, revela a grande dificuldade que alguns idosos sentem em aceitar sua condição de velho. Todo o desgosto que essa rejeição traz é, sem dúvida, nocivo para quem o sente e quem o cerca, e sua raiz precisa ser identificada. Sem essa identificação não é possível achar soluções que redimam esse estado de negação e baixa autoestima.

De todas as leituras que fiz e que perpassaram por várias áreas do conhecimento voltados para o esclarecimento das questões da velhice, retirei dois apontamentos, os que mais chamaram minha atenção sobre os processos culturais e psicológicos que ela engloba.

O primeiro apontamento trata das questões existenciais do envelhecimento humano. As modificações que o indivíduo sofre com relação ao tempo acarretam transformações na sua ligação com o mundo e sua história¹⁵. Essas mudanças trazem consequências psicológicas e em geral, segundo a arteterapeuta Vanessa Coutinho, estão permeadas pela consciência da proximidade da morte, pelo conflito com o passado que aparece na forma de arrependimentos, e pela necessidade imposta de reinventar seu papel social¹⁶.

Daqui o segundo apontamento já se apresenta: o papel social do idoso. Para tratar dele, peço que antes tu leias esse trecho retirado de um artigo da psicóloga e psicanalista, Natalia Barbieri:

“A depreciação da velhice na sociedade ocidental, localizada historicamente nas mudanças sociais e econômicas ocorridas a partir do século XVIII, decorreram principalmente dos novos modos de produção, que interferiram significativamente nos espaços sociais. A inserção e a valorização do indivíduo na sociedade passaram a se dar pela força de trabalho, e o velho, ao não trabalhar, passa a ser desvalorizado, por ser considerado cidadão improdutivo, sendo a aposentadoria a marca dessa passagem. Vale lembrar que o termo aposentar quer dizer: retirar-se para os aposentos, evidenciando a ideia de ociosidade.”¹⁷

O indivíduo, além de precisar lidar com toda a complexidade biológica e psicológica inerente ao processo de envelhecimento, ainda tem de encarar a pressão social destinada àqueles considerados improdutivos, onde o velho é comumente enquadrado. Somando estas dificuldades, a consequência é a tendência visível em muitos idosos de enfrentarem a velhice como um problema, um peso, uma fase que só traz perdas. Por isso muitos deles escolhem uma relação

¹⁵ BEAUVOIR, 1970.

¹⁶ COUTINHO, 2008.

¹⁷ BARBIERI, 2012, p.118

de apego com o passado, com um tempo sempre lembrado como melhor, mais prazeroso, como se as suas vidas tivessem ali estagnado.

Este problema social da velhice muito me recorda da descrição que o escritor Italo Calvino faz de uma de suas cidades invisíveis, a cidade de Maurília. Observa como se comportam os habitantes dessa cidade fictícia, Paulo:

Em Maurília, o viajante é convidado a visitar a cidade ao mesmo tempo em que observa uns velhos cartões postais ilustrados que mostram como esta havia sido: a praça idêntica, mas com uma galinha no lugar da estação de ônibus, o coreto no lugar do viaduto, duas moças com sombrinhas brancas no lugar da fábrica de explosivos. Para não decepcionar os habitantes, é necessário que o viajante louve a cidade dos cartões-postais e prefira-a à atual, tomando cuidado, porém, em conter seu pesar em relação às mudanças nos limites de regras bem precisas: reconhecendo que a magnificência e a prosperidade da Maurília metrópole, se comparada com a velha Maurília provinciana, não restituem uma certa graça perdida, a qual, todavia, só agora pode ser apreciada através dos velhos-cartões postais, enquanto antes, em presença da Maurília provinciana, não se via absolutamente nada de gracioso e ver-se-ia ainda menos hoje em dia, se Maurília tivesse permanecido como antes, e que, de qualquer modo, a metrópole tem este atrativo adicional – que mediante o que se tornou pode-se recordar com saudades daquilo que foi.¹⁸

Sou provocada, a partir desse saudosismo exacerbado encontrado nos habitantes de Maurília, criada de forma incrível por Calvino, a fazer analogias entre esta literatura e a conduta de sujeitos na terceira idade que fixam sua atenção no passado como um escape aos problemas encontrados no presente ou à uma importância que acreditavam possuir, mas que agora não enxergam mais por conta dos preconceitos que envolvem a velhice em nossa sociedade.

Todo o contexto que exponho me leva a perguntar, Paulo, qual a relação dos velhos com o tempo e com a memória. Seria o passado o tempo dos idosos? Seria o apego às suas recordações a única maneira que eles dispõe para lidar com a memória? Quem vem me responder essas questões são autores como Ecléa Bosi, que dedicou anos de estudo para entender a relação da memória com a sociedade, e Norberto Bobbio, que no alto dos seus 80 anos resolveu escrever sua perspectiva da velhice.

¹⁸CALVINO, 1990, p.23

*Bosi*¹⁹ buscou captar a forma como um grupo de idosos narrava sua trajetória, individualmente. A pesquisadora queria saber, justamente, qual era a relação dos longevos com o tempo e como traziam à superfície suas lembranças mais antigas. De antemão, Paulo, devo revelar a conclusão de Bosi: cada um possui uma experiência própria de rememoração. Cada idoso confere à sua memória um lugar de importância em seu subjetivo. Alguns não atribuem muito valor ao passado, outros o tem como tesouro próprio.

Bosi destaca em sua pesquisa a concepção de memória para o sociólogo Maurice Halbwachs que a entende como uma reconstrução e não como um acúmulo ou conservação do passado. Para Halbwachs, Paulo, esta reconstrução depende intimamente das relações do indivíduo com a sociedade. Um exemplo disso é exatamente a forma como relatei acima o apego de alguns idosos com o passado. Caso a nossa sociedade tratasse melhor seus velhos, estimando suas vivências, suas sabedorias, ressaltando suas potencialidades, eles não teriam grandes motivos para quererem voltar aos anos de juventude.

Outra contribuição interessante do sociólogo foi caracterizar a memória para os idosos como um exercício que requer esforço e que eles se dedicam com mais empenho do que os jovens; não necessariamente por terem dificuldade de lembrar, mas por desejarem lembrar com o máximo de informações possíveis, como datas, nomes e endereços. Por isso Halbwachs chama a memória de velhos de memória-trabalho²⁰.

Já Bobbio, o outro autor que mencionei acima, ressalta que sim, o tempo do idoso é o passado; e é na ligação com este passado, através das lembranças, que o velho recria sua identidade.

Transcrevi abaixo uma parte das falas desse octogenário, pois acho importante que suas ideias sejam reveladas aqui da forma como foram organizadas por ele:

“O mundo dos velhos, de todos os velhos, é, de modo mais ou menos intenso, o mundo da memória. Dizemos: afinal, somos aquilo que pensamos, amamos, realizamos. E eu acrescentaria: somos aquilo que lembramos. Além dos afetos que alimentamos, a nossa riqueza são os pensamentos que pensamos, as ações que cumprimos, as lembranças que conservamos e não deixamos apagar e das quais somos o único guardião. Que nos seja permitido viver enquanto as lembranças não nos abandonarem e enquanto, de nossa parte, pudermos nos entregar a elas. A dimensão na qual o velho vive é o passado.”²¹

¹⁹ 1994

²⁰ HALBWACHSapud BOSI, 1994.

²¹ BOBBIO, 1997, p.30

Com esses estudos e relatos, Paulo, acredito que o passado para quem está na velhice, tem uma configuração diferente em comparação com quem vive a juventude e é um ponto de referência para os idosos. Quanto melhor for a relação deles com os fatos que viveram, suas histórias e memórias, melhor se relacionarão com o presente, com sua realidade, com o que são. E quanto mais o restante da sociedade valorizar a terceira idade, melhor o idoso ver-se-á a si mesmo.

O que achas disso tudo, Paulo?

Espero que nos encontremos logo para discutirmos pessoalmente todas essas questões!

Grande abraço,

Amanda.

REFERÊNCIAS DA CARTA VELHICE

BARBIERI, Natália. **Velhice: melhor idade?** Revista O mundo da saúde. São Paulo – 2012; 36(1):116-119.

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice.** Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1970.

BLOOM, Harold. **Shakespeare: a invenção do humano.** Tradução José Roberto O'Shea. Editora Objetiva: Rio de Janeiro, 2000.

BOBBIO, Norberto. **O tempo da memória: De Senectute e outros escritos autobiográficos.** Tradução Daniela Versiani. – Rio de Janeiro: Campus, 1997.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos.** 3a ed. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis.** 1ª ed. Tradução Diogo Mainardi, Companhia das Letras, 1990.

COUTINHO, Vanessa. **Arteterapia com idosos: ensaios e relatos.** Rio de Janeiro: Wak Ed., 2008.

FRAIMAN, Ana. **Coisas da idade.** São Paulo: Alexa Cultural, 2004.

MÁRQUEZ, Gabriel García. **Memória de minhas putas tristes.** Tradução Eric Napomuceno. Rio de Janeiro: Record, 2005.

SHAKESPEARE, William. **O rei Lear**. Tradução Millôr Fernandes – Porto Alegre: L&PM, 2015.

RECORTE 3

A carta OFICINA foi escrita no mês de junho de 2016, durante o período de realização da oficina teatral para a terceira idade.

Foi destinada à Marta, minha mãe.

A oficina ocorreu nos meses de março a junho de 2016.

CARTA OFICINA

Amada mãe,

Quanta saudade da senhora!

Estou lhe escrevendo para falar um pouco da minha nova rotina. Como já havia lhe dito, sou agora bolsista do projeto de extensão Teatro, Memória, Música e Poesia na Melhor Idade. O professor que coordena esse projeto se chama Paulo Santana e além de mim, outra bolsista integra a equipe, a minha colega de turma, Selma dos Santos.

Nós já iniciamos as atividades do projeto. Na verdade, estamos quase no fim da primeira etapa dele, que é a oficina teatral para idosos com base no Teatro do Oprimido de Augusto Boal. Não se preocupe, vou lhe explicar isso melhor! Antes quero lhe falar do local onde estamos realizando a oficina.

Pois bem, conseguimos o apoio de uma ONG que já vem desenvolvendo trabalhos voltados para o público idoso desde 1999. Ela se chama Centro da Terceira Idade Palácio Bolonha e foi fundada pelo vereador belenense, Henrique Soares. A proposta da “ONG do Bolonha” ou “Bolonha” como os frequentadores costumam chamar, é promover a proteção social básica e os direitos dos idosos de Belém²².

Caso a senhora queira me ver dando aulas de teatro, basta me procurar no bairro de Nazaré, Avenida José Malcher, Passagem Bolonha, nº78. Todas as segundas e quartas das 14hs às 16hs eu e a Selma estamos lá. Seria bem legal receber sua visita. Aliás, acho mesmo que a senhora iria adorar o lugar, pois é amplo, ventilado, bem arborizado... É um antigo casarão do início do século XX, adaptado para os serviços que a ONG oferece, que são: natação, academia, pintura em tela, yoga, oficina de informática, dança de salão, hidroginástica e outros. Além disso, ela organiza passeios e viagens durante o ano para grupos da terceira idade e familiares.

Para a nossa oficina, a coordenação do Bolonha nos ofereceu uma sala aberta com dois ventiladores, um grande espelho e alguns colchonetes. Não é o espaço ideal para uma aula de teatro, porque o som não se propaga bem, e o

²² Informação retirada da rede social oficial da ONG Centro da Terceira Idade Palácio Bolonha

ambiente é muito barulhento por conta das aulas de natação e dança de salão que ocorrem simultaneamente à poucos metros, causando por vezes interferência na atenção das nossas alunas e prejudicando a comunicação verbal durante as aulas.

Eu e a Selma, para superarmos essa dificuldade, sempre utilizamos estratégias que diminuam o impacto desse problema. Afinal, o ambiente para a promoção da educação, seja no ensino formal (na escola), seja no ensino informal (comunidades, associações, paróquias, etc.) nem sempre é arquitetado para esse fim ou leva em consideração as diversas necessidades, das mais abrangentes às mais específicas, que envolvem a experiência da aprendizagem.

Sei que a senhora tem bastante vivência como professora de Língua Portuguesa e sabe das dificuldades inerentes ao processo de educação. Nunca é fácil. Nenhuma turma é igual a outra, os alunos possuem diferentes comportamentos e cada um tem seu tempo cognitivo. As metodologias devem variar de acordo com a resposta da turma. O que não deve mudar é o empenho constante em trabalhar da melhor forma dentro do contexto que estamos inseridas.

Mãe, tenho muita coisa que para lhe contar!

Bom, como eu já disse, somos duas bolsistas-estagiárias: eu e a Selma.

Bolsistas porque estamos vinculadas, cada uma de nós, a um programa de bolsas da universidade a partir do projeto. O programa do qual faço parte é o PIBEX (Programa Institucional de Bolsa de Extensão), que está ligado a Pró-Reitoria de Extensão; e a da Selma faz parte do PIBIPA (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Produção Artística), ligado ao Instituto de Ciências da Arte da UFPA.

E somos estagiárias, porque dentro do projeto cumprimos também nossa carga horária complementar que é requisito básico para a nossa formação como licenciadas. Essa carga horária extra é obtida através do estágio obrigatório.

Como nós duas temos a mesma função no projeto, que é ministrar as aulas da oficina, optamos por dividir os dias em que cada uma dá sua aula. Nas segundas-feiras sou eu quem conduzo as atividades e nas quartas-feiras é a Selma que fica com esse papel. A oficina tem, na minha opinião, funcionado bem assim, porque enquanto uma de nós dá sua aula a outra auxilia registrando, observando, acrescentando informações, ajudando alguma aluna com dificuldade, completando grupos, ou seja, dando o suporte necessário.

Uma vez por semana nos reunimos com o professor Paulo para falar das atividades, das dificuldades, da forma como o grupo tem respondido aos exercícios da oficina, das faltas, dos bons desempenhos, das expectativas nossas e das alunas. Ele, por sua vez, nos orienta, dá dicas, sugere atividades e nos convida a pensar juntos maneiras de aperfeiçoar nosso trabalho. Eu e a Selma temos toda a

liberdade para montar nossas aulas da forma que acreditamos ser a melhor, mas isso não impede que troquemos ideias, que indiquemos jogos, músicas, qualquer atividade ou material que enriqueça a aula da colega. Acredito que estejamos fazendo um verdadeiro trabalho em equipe.

Mas ainda não falei do principal! As alunas!

Passamos, eu, o professor Paulo e a Selma, uma semana indo ao Bolonha nos turnos da manhã e da tarde para divulgar o projeto. Até então nenhuma atividade teatral havia sido oferecida pela ONG, por isso víamos a excitação de muitas frequentadoras do local com a novidade. Elas queriam se inscrever e inscrever também suas amigas e familiares. Desde esse momento pudemos sentir a energia contagiante das senhoras de lá. Conseguimos, ao todo, 35 inscrições.

A senhora deve estar estranhando o fato de eu só usar o gênero feminino para me referir aos participantes da oficina, mas estou certa, não há erro. Todas as nossas alunas são mulheres. Apenas em duas aulas compareceu um homem e depois ele deixou de ir. Acho que as mulheres se dispõem mais às artes na terceira idade, ou isso é uma situação particular daquele espaço. Em geral, verifiquei que os senhores praticam atividades como natação, musculação e informática, nada além disso.

Voltando a falar da quantidade, pois bem, das 35 inscritas, 30 participaram da primeira aula e esse número veio diminuindo ao longo do mês inicial. Isso nos preocupou bastante. Conferimos algumas das principais causas desse abandono:

A primeira, constatamos, era a curiosidade mais superficial; algumas inscritas não tencionavam se comprometer em novas atividades e se inscreveram somente para saber do que se tratava uma oficina teatral. A segunda causa foi a desistência por desinteresse; outras participantes não se interessaram pela nossa abordagem de trabalhar teatro a partir de suas memórias: queriam um teatro onde lhes déssemos peças para que decorassem falas e apresentassem. A terceira foi por motivo mais pessoal como problemas familiares, doenças, viagens, etc.

A quarta causa do abandono da oficina estava relacionada ao seu horário, considerado inapropriado por muitas. Quem deixou de acompanhá-la por este motivo, alavancou duas situações de desconforto: a temperatura (muito alta) nesse período do dia e a proximidade do horário do almoço, portanto cedo demais. Como a senhora já deve imaginar, mãe, elas tem razão, afinal de contas estamos em Belém do Pará, onde às duas horas da tarde ou chove ou o mormaço maltrata demais os sentidos, e quando se trabalha com o público idoso esse fator tem ainda mais peso, pois em geral quanto mais velhos ficamos, mais sensíveis nos tornamos e mais rápido nos cansamos. Porém, esse horário foi o único que o Bolonha nos cedeu. Tínhamos que nos adequar a ele da forma que pudéssemos e é o que temos feito.

Mãe, mesmo com todas essas circunstâncias, pelo menos metade da turma inicial permaneceu no projeto. A frequência das aulas varia numa média de 13 a 16 alunas. Sempre existem aquelas que faltam, mas muitas se mostram bastante assíduas e interessadas. Queria que a senhora as conhecesse, são muito animadas!

As características em que a maioria delas se enquadra são as seguintes: estão entre os 60 e 70 anos, são alfabetizadas, aposentadas, tiveram uma carreira profissional, têm boa saúde e condição financeira estável. Existem as exceções: poucas que foram (e são) trabalhadoras do lar, são semialfabetizadas e possuem algum comprometimento na saúde (Mal de Parkinson, por exemplo). Mas nada que imponha grande dificuldade na realização das nossas aulas. Mal temos que adaptar os jogos por conta dessas diferenças. Isso comprova que estamos trabalhando com um teatro de inclusão!

Agora sim posso lhe falar da oficina em si.

Como já mencionei acima, a base do nosso projeto é o Teatro do Oprimido de Augusto Boal. Isso significa que estamos especificando nossa metodologia de trabalho e o nosso olhar para o que é teatro. Esse delineamento importa, mãe, porque teatro é um termo muito abrangente, que pode significar muitas coisas dependendo da cultura ou da corrente teórico-prática em que se insere. Dependendo também do interesse de quem o faz.

Como o nosso objetivo é inserir as pessoas da terceira idade no campo do teatro, permitindo-as um fazer teatral, e por meio dele trabalhar suas memórias; precisamos percorrer um caminho que nos possibilite chegar à esta finalidade.

Conversando com o professor Paulo fui apresentada a um panorama que praticamente exclui as pessoas idosas da prática teatral aqui em Belém. Não existem cursos, oficinas e ações que integrem esse grupo ou sejam destinadas especificamente para ele no tocante à produção de espetáculos, cenas ou esquetes teatrais. Se existem, são incomuns e pertencem a um conjunto maior de atividades artísticas em instituições como o Sesc (Serviço Social do Comércio), por exemplo.

Por isso trazer o teatro de Augusto Boal para o nosso trabalho é tão fundamental, pois ele criou um teatro voltado para o fomento da democracia, onde o poder de uso da palavra é oferecido a todos, onde se busca o respeito e a valorização do indivíduo, onde declara exercitar uma estética dos Direitos Humanos.

Na prática, isso significa que este teatro oportuniza aos oprimidos (as pessoas marginalizadas, desumanizadas, submetidas à papéis secundários e passivos dentro de uma cultura) tornarem-se protagonistas da cena, provocando um deslocamento do seu olhar para o mundo: anteriormente passivo, estático, oprimido; agora ativo, criador, livre.

O teatro concebido por Boal não restringe seu método aos atores profissionais, mas a quem deseja fazer teatro, pois ele acredita que o teatro é próprio de todo ser humano, é o ato de olhar para si mesmo, de se auto observar em ação.

Calma, mãe! Pode parecer, mas não é tão complicado assim.

Na oficina, propomo-nos a trabalhar as técnicas do teatro do oprimido, mas não todas. Algumas não servem para o nosso propósito. Nós trabalhamos primeiramente jogos que despertam uma atenção maior para os sentidos e depois, ao ver a desenvoltura das nossas alunas, fomos acrescentando outros que trabalhassem a imaginação e a memória.

Veja bem, como sou uma professora de teatro em gestação, como meus passos na docência são curtos, minha vontade inicial era o de mostrar todo o meu conhecimento em uma só aula. Passar vários exercícios, ver logo os resultados, mostrar minha competência. Eu queria trabalhar a ansiedade das alunas, mas precisava acalmar a minha própria! Eu queria melhorar a paciência das alunas, no entanto a minha tranquilidade é que estava comprometida. Os primeiros dias foram de muito aprendizado e a Selma me ajudou bastante nesse sentido, pois ela passa bastante segurança.

Logo me senti mais confortável para ministrar as atividades. Retomando minha fala anterior, a primeira ideia era propor jogos feitos sempre em grupo, para que as alunas mais tímidas não se sentissem envergonhadas e pudessem se expressar assim como as outras. A intenção era também criar uma unidade, um grupo onde cada uma se sentisse à vontade na realização das tarefas. Com isso, as nossas aulas iniciais foram dedicadas aos jogos que despertassem os sentidos, trabalhassem a atenção, a paciência, o saber ouvir, a ansiedade, a expressividade, o raciocínio e a união.

Mãe, os jogos tem um potencial incrível. Boal diz que eles são essencialmente comunicação, pois transformam os jogadores em emissores e receptores de mensagens. Quando nos dedicamos ao jogo, a jogá-lo com entrega, com o máximo de envolvimento possível (é claro que parte de nós sabe que é só um jogo), aprendemos muito. Melhoramos as nossas habilidades. E o mais legal é que também nos divertimos.

Quando percebemos o maior entrosamento da turma, eu e a Selma começamos a passar jogos dramáticos, onde as senhoras deviam desenvolver algum personagem e solucionar algum conflito. Passávamos esses jogos em duplas ou em trios. Elas adoravam a brincadeira de “faz-de-conta”. Aproveitavam que “não eram elas mesmas” e “estavam no personagem”, para usar palavras e expressões que não eram do seu costume, para agir como nunca agiriam, para ousar como nunca ousaram.

A partir do momento que o grupo já se mostrava estável, quando as reais participantes tinham se definido e estavam sempre presentes, criando um ambiente mais familiar, mais seguro, pudemos entrar nos jogos que trabalhassem as memórias, pois este é um campo delicado que nem todos se sentem bem em tocar.

Primeiramente, propúnhamos que nossas alunas resgatassem memórias mais específicas, como brincadeiras de infância, cantigas de roda, poesias, músicas, e outros detalhes comuns a uma geração. Depois, começamos a pedir que elas trouxessem histórias das suas vidas, histórias que quisessem compartilhar conosco e que permitissem transformá-las dentro do espaço estético do teatro.

O aprofundamento do trabalho com as memórias, mãe, vai se dar só no segundo semestre, quando iniciarmos o processo de montagem teatral, mas desde já estamos induzindo nossas alunas a pensarem: que parte da minha vida quero dividir através do teatro?

Um dos momentos que mais gosto nas nossas aulas, mãe, é o da avaliação. A senhora pode até estranhar, pois sei que nas disciplinas e nas escolas tradicionais a avaliação se resume a correção de provas, e convenhamos que trata-se de um trabalho exaustivo. No teatro não é assim. Eu sei que não estamos ministrando a disciplina teatro ou artes numa escola, mas sim uma oficina numa ONG, mas aqui também a avaliação é importante. Nos dez minutos finais da aula, nós pedimos para que as nossas alunas se sentem em roda conosco e perguntamos como foi para elas as atividades do dia: se gostaram ou não e o porquê; se sentiram dificuldades ou não e o porquê; se cumpriram as metas dos jogos; o que pensaram; se adquiriram consciência de algo que antes passava despercebido, e tudo que as chamou atenção durante os exercícios.

Essa é uma prática comum entre os professores da ETDUFPA (Escola de Teatro e Dança da UFPA) e eu e a Selma achamos interessante aplicar em nossas aulas. O benefício é grande. Com essa abertura final para o diálogo ficamos a par do que as nossas alunas estão pensando e sentindo e também é um momento ideal para o esclarecimento de dúvidas, para pegar sugestões e ver como cada uma está lidando com o processo.

Nossa, mãe, até aqui já falei muito! E posso lhe garantir que tenho ainda mais a dizer! São muitas descobertas minhas e das alunas. Quando vejo que elas aprenderam algo eu aprendo junto. Na medida que ensino, elas estão me ensinando a como ensinar, não é incrível? Estou o tempo todo atenta às pequenas transformações que acontecem a cada nova aula. Vejo as que começaram mais agitadas se concentrando, vejo as que chegaram tímidas se pondo a falar, a dar sua opinião. Sinto-me também uma pessoa diferente, mais capaz.

Queria, antes de terminar essa carta, dizer-lhe que sempre lembro da senhora no início das aulas. As meninas (como chamo minhas aulas com tanto

carinho) gostam muito das atividades que envolvem música. No aquecimento eu e a Selma costumamos pôr para tocar uma que elas adoram: Babalú, interpretada pela Ângela Maria. Nessa hora, todas nós cantamos, dançamos, projetamos imagens de valentia e de encanto. Começamos as aulas com bastante alegria, com bastante sorriso! Comparo essa energia com a sua, que é força e felicidade. Isso me faz pensar que estou no lugar certo!

Muitos beijos, muita saudade da filha que lhe ama,

Amanda.

BIBLIOGRAFIA DA CARTA OFICINA

BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não-atores**. 11^a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

_____. **O arco-íris do desejo: método Boal de teatro e terapia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

_____. **A estética do oprimido**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

RECORTE 4

A carta MONTAGEM foi escrita no mês de dezembro de 2016.

Foi destinada a Selma dos Santos, bolsista e estagiária do projeto.

Foi escrita após a apresentação do espetáculo teatral *Colcha de Retalhos*, realizado no dia 29 de novembro de 2016 no Teatro Universitário Claudio Barradas.

A apresentação do espetáculo foi a culminância do projeto Teatro, Memória, Música e Poesia na Melhor Idade, e teve no elenco Selma e as alunas: Elmira Sacramento, Esmeralda Rebelo, Francisca Reis, Graça Barbosa, Magá Vieira e Terezinha Gentil.

CARTA MONTAGEM

Querida Selminha,

Às vezes me pego pensando que é impossível ao artista ter domínio ou até mesmo dimensão do alcance de sua obra.

Quando os compositores Dorival Silva (Chocolete) e Elano de Paula teriam a noção que seu samba Canção de Amor, gravado em 1950, abriria um espetáculo teatral em Belém do Pará no ano de 2016 com tamanha emoção? Como eles poderiam imaginar o que significa essa música para cada uma das nossas seis atrizes, que o escolheram como parte especial do repertório da nossa montagem? Ou a reação dos espectadores ao ouvirem as vozes comovidas das mulheres no palco entoando com todo o amor cada nota, cada palavra de sua canção?

Tu podes me falar melhor, Selminha, da força que teve essa música para o nosso espetáculo, pois tiveste a experiência de viver dois processos no mesmo processo: foste professora no período da oficina e atriz no espetáculo Colcha de Retalhos. Estiveste orientando e sendo orientada, direcionando e sendo direcionada, conduzindo e sendo conduzida. Foste Selma educadora e Selma atriz e pelo que vi, em muitos momentos desempenhaste ambos os papéis ao mesmo tempo.

Ainda que nós duas tenhamos iniciado no projeto como bolsistas e estagiárias com a função primeira de conduzir as aulas da oficina teatral para a terceira idade no Bolonha; não posso afirmar que nossa vivência foi a mesma. Isso porque, enquanto eu já tinha certa prática na docência, tu a tinhas em menor quantidade; enquanto tu já acumulavas papéis em espetáculos apresentados pela cidade, eu pouco havia subido ao palco; e o mais importante na minha visão: enquanto eu, na época com 23 anos, vivia (e vivo) uma fase da vida completamente diferente das nossas alunas, tu estavas (e está) no mesmo momento que elas –

acima dos 60 anos, após a aposentadoria, experimentando novos prazeres, realizando antigos desejos.

Nesse aspecto penso que a tríade Paulo-Selma-Amanda, como equipe que organizou, articulou e até certo ponto guiou o projeto (ainda que considerando sempre a resposta das alunas aos encaminhamentos), foi perfeita à medida que cada um de nós se colocava perante as alunas com diferentes graus de distanciamento e proximidade, possibilitando uma visão abrangente do nosso percurso, o que permitiu que trabalhássemos com segurança na etapa final do projeto: a montagem do espetáculo teatral.

O Paulo colocava-se a certa distância, observando as lacunas do roteiro do espetáculo, ajudando na composição geral da obra, contribuindo para a melhor exploração das narrativas (as histórias de vida) das nossas atrizes.

Eu atuava como uma preparadora de elenco, passava exercícios que trabalhavam a ansiedade, que estimulavam o corpo, a voz, a atenção; revisava falas das atrizes individualmente e tirava suas dúvidas; repassava as observações que fazia para o Paulo e o auxiliava nas orientações gerais. Ou seja, estava mais próxima das alunas que o Paulo, mas ainda havia um espaço que me separava das meninas, por termos diferentes objetivos: eu de produzir o espetáculo e elas de contarem suas histórias. Eu era estrutura e elas conteúdo.

Já tu, Selminha, estavas tão próxima das nossas pupilas que as enxergava do teu lado, não de longe, nem de frente. Tu não eras intermediária entre quem dirigia e quem atuava. Tu eras também atriz, mas uma atriz conselheira das colegas de cena, atriz protetora, que devia passar segurança nas horas de medo, que devia estender a mão e indicar o caminho a quem parecesse perdido.

Penso que o teu papel duplo na montagem do espetáculo foi não só fruto da intuição do Paulo, que queria te ver em cena, compartilhando a colcha de retalhos de vida com a plateia; mas também de uma escolha estratégica para a montagem, afinal, a tua experiência de palco ajudaria imensamente as nossas atrizes que, em sua maioria, nunca haviam feito teatro no edifício teatral, para espectadores de fora do círculo familiar.

Inserida no espetáculo, tu podias improvisar puxando, costurando, dinamizando e acrescentando ritmo às cenas. Podias equilibrar o palco, valorizar momentos, tranquilizar as estreantes. E tudo isso só era possível pois pensamos e trabalhamos na construção de uma apresentação teatral com enredo flexível.

Afinal não estávamos lidando com atrizes profissionais, mas com atrizes protagonistas de sua própria história; não estávamos trabalhando com um texto preexistente e decorado, mas com um passado lembrado, reconstruído através da oralização.

De outra forma não podia ser, ou seria com muito custo a todos os envolvidos. Se enrijecêssemos o roteiro da encenação, se fixássemos uma dramaturgia, se condicionássemos o espetáculo a se desenvolver num tempo preciso e intransponível, perderíamos a fluidez da recordação, o sossego das atuantes, a espontaneidade cabível em certas cenas, e a leveza do clima descontraído, amigável e predisposto ao trato com o passado.

Se estreitássemos demais a narrativa individual de cada cena, o propósito da montagem se perderia em meio a preocupações demasiadamente estéticas. Nosso principal objetivo com a realização do espetáculo Colcha de Retalhos era divulgar, através do teatro, histórias de vida de pessoas da terceira idade contadas por elas mesmas de forma expressiva, lúdica e pessoal, valorizando suas memórias.

Eu poderia dizer que foram vários espetáculos num só espetáculo. Cada recorte de vida narrado possuía seu brilho singular, cada fala seu sentimento próprio. Cada uma de nossas alunas se dispunha no palco por um motivo diferente. Todas elas eram especiais e tornavam especial a união de seus caminhos por meio da amizade. Era não somente uma encenação de memórias, mas também de amizade.

Todo o percurso, desde os ensaios até a apresentação, demonstrou o quanto as nossas artistas foram dedicadas. Um dos momentos que mais tive prazer enquanto professora de teatro em nosso projeto se deu quando as revelei que todo o espetáculo foi por elas tecido. As meninas nem mesmo se deram conta de que foram dramaturgas (pois o texto verbalizado nas cenas eram suas memórias), figurinistas (elas próprias pensaram e produziram seus figurinos) e cenógrafas (já que suas colchas de retalhos compunham o cenário do espetáculo), e se sentiram valorizadas por fazerem parte de um trabalho coletivo.

Queria revelar para ti, Selminha, algumas das partes da apresentação que mais me comoveram e que já me encantavam durante os ensaios no Bolonha e na Escola de Teatro. Uma delas eu já destaquei: a abertura com o samba-canção melancólico que falava da...

♪ torrente de paixão, emoção diferente...

...saudade ♪

As outras vou te contar a partir de agora:

❖ *PINICO DO CÉU: Narrada pela Magá*

Incontáveis são as histórias de famílias nordestinas que, por conta da seca, enfrentaram a dura realidade de deixar para trás a sua terra à procura de melhores condições de vida. Porém, como nenhuma família é igual a outra, nenhum modo de sentir idêntico, nenhuma partida a mesma; a trajetória da menina Maria, que enfrentou uma odisseia com seus pais e irmãos na mudança de Teresina, capital do Piauí, para Belém, capital do nosso Pará, foi contada com a originalidade que merecia, por ser uma história tão única quanto as demais.

A vida aqui só é ruim Quando não chove no chão, Mas se chover dá de tudo:

Fartura tem de montão!

Tomara que chova logo, Tomara, meu Deus, Tomara

Só deixo o meu Piauí

No último pau-de-arara!²³

A nossa querida Magá, exteriorizando os sentimentos da criança que foi, a “espilicute²⁴” Maria; viveu, ao lado da religiosa mãe Vicenza e do pai trabalhador, Matias, a emoção de ver pela primeira vez, após anos de amarga seca, uma torrencial chuva amazônica, tão exuberante que mereceu ser apelidada por dona Vicenza de Pinico do Céu!

Sim, Selminha, foi lindo ver a prece da mãe de Maria ser atendida:

Senhor, eu pedi para o sol se esconder um tiquinho

Pedi pra chover, mas chover de mansinho

Pra ver se nascia uma planta no chão

Oh! Deus, se eu não rezei direito o Senhor me perdoe,

Eu acho que a culpa foi

Desse pobre que nem sabe fazer oração²⁵

❖ ***NOSSO JURAMENTO: Narrada pela Francisca***

Selminha, quantas barreiras pode superar o amor? A sorridente Francisca nos mostrou que muitas! O amor parental pode superar dificuldades como a

²³ Trecho da música Último Pau-de-arara composta por Venâncio, Corumba e Jose Palmeira Guimaraes, com uma pequena modificação na livre interpretação da Magá – ao invés de cantar “Só deixo meu Cariri”, ela cantou “Só deixo meu Piauí”

²⁴ Expressão típica do nordeste brasileiro, que significa, segundo Magá: criança muito esperta.

²⁵ Trecho da música Suplica Cearense composta por Waldeck Artur de Macedo e Nelinho

criação de doze filhos em meio à escassez de alimentos provocada por uma infeliz guerra. O amor conjugal pode vencer as barreiras impostas por uma sogra maldosa. O amor humano pode perdoar, ensinar e permitir que se aprenda a valorizar os bons momentos da vida.

A Francisca nos mostrou com muita generosidade as marcas do seu amor: um amor de doação.

Se morreres primeiro eu te prometo

Escreverei a história do nosso amor

Com minha alma cheia de sentimento

Escreverei com sangue com tinta sangue do coração²⁶

❖ *OS SONHOS QUE FICARAM NO RIO: Narrada pela Gracita*

Muitas vezes e preciso olhar para o passado para entender o presente. A encantadora Gracita, ao recuperar os sonhos da criança que deixou na beira do rio aos dez anos de idade para assumir tantas responsabilidades na brusca mudança para a capital, pode reconectar-se consigo mesma, com sua mãe, e definir novos caminhos: rumos onde reina a paz com a própria história.

Dos serões da casa grande ainda me lembro

Dos meus dias de infância mais risonhos

Mãe Maria de voz doce e sonolenta

Mãe Maria que chorava no meu pranto

Mãe Maria que embalava minhas lendas

Mãe Maria que sonhava nos meus sonhos

Depois eu parti, Mãe Maria

Outros sonhos mais belos sonhei

E as lendas que você me dizia, Mãe Maria

De outros lábios também escutei

Depois eu sofri, Mãe Maria

E outras mágoas maiores eu provei

E as lendas que você me dizia, Mãe Maria

²⁶ Trecho da música Nosso Juramento, famosa pela interpretação do cantor Gilliard

*Em outras mãos eu deixei*²⁷

❖ *MEUS 14 IRMÃOS: Narrada por Esmeralda*

Selminha, como é bom lembrar do tempo mágico da infância! As brincadeiras e os passeios, o que se aprontou e o que se descobriu, as festas, os doces, a alegria tão pura.

Gosto muito do que a terna Esmeralda selecionou para compartilhar, por narrar com tantos detalhes essa fase que parece em tudo extraordinária quando lembrada com tanto carinho.

A expectativa do parto de um novo irmão, as idas à ilha do Mosqueiro, as brincadeiras de pira, as festas juninas, as músicas tocadas na rádio que chegavam ao seu coração para nunca mais o deixar... Não me espanta que Emoções de Roberto Carlos seja a canção favorita da Esmeralda.

Quando eu estou aqui

Eu vivo esse momento lindo

Olhando pra você

E as mesmas emoções sentindo

São tantas já vividas

São momentos que eu não esqueci

Detalhes de uma vida

Histórias que eu contei aqui

Amigos eu ganhei

Saudades eu senti, partindo

E às vezes eu deixei

Você me ver chorar, sorrindo

Sei tudo que o amor

É capaz de me dar

Eu sei já sofri

Mas não deixo de amar

Se chorei

²⁷ Trecho da música Mae Maria composta por Custodio Mesquita e David Nasser

*Ou se sorri
O importante
É que emoções eu vivi²⁸*

❖ *A MENINA ROSA: Narrada por Elmira*

As experiências da juventude podem marcar tanto quando as da infância, não é Selminha? A formação profissional, o introdução no mercado de trabalho, o aumento das responsabilidades, os primeiros grandes amores. Rosa, a jovem que se tornou Elmira, demonstrou sua forte personalidade passando com muito arrojo por todas essas situações, conservando, por dentro, a delicadeza de uma filha querida, de uma irmã adorada, de um ser solidário e fantástico; mas nunca esqueceu um certo Alberto... Que não soube entender o seu jeito de amar.

*...meu bem
Não quero o teu beijo agora, meu amor
Se nos teus olhos tu me vês qual uma flor
Consola teu coração²⁹*

❖ *A BUSCA DA INDEPENDÊNCIA DE CIDA: Narrada por Terezinha*

Seria possível num espetáculo de história de vida de mulheres faltar o elemento da força de vontade, da superação das barreiras morais, econômicas e sociais impostas por uma cultura que estabelece limites ao valor do feminino?

Acredito que seria impossível, Selminha, e sei que tu tens mais a falar sobre as conquistas importantíssimas das mulheres brasileiras nas últimas décadas do que eu, pois não fiz parte, como tu, a Terezinha e as nossas outras alunas, das primeiras gerações a atuarem como profissionais em diversas áreas e que com isso, abriram caminhos antes desconhecidos para a independência financeira.

Cida, criança formada dentro dos preceitos católicos, determinantes de seu comportamento, quando jovem, viu a oportunidade de dar vazão ao seu maior sonho: ser livre. Livre para poder trabalhar, viajar, festejar, namorar... Livre das regras que pesavam sobre seus ombros e que a impediam de seguir pelas trilhas que rumassem aos seus desejos.

A Terezinha de hoje só existe porque Cida quis ultrapassar a linha que restringia seu mundo, suas possibilidades de ação.

²⁸ Trecho da música Emoções composta por Roberto Carlos e Erasmo Carlos

²⁹ Trecho da marchinha de carnaval Amor de Carnaval

Cida mudou-se de Belém para o Rio de Janeiro, conheceu seu grande companheiro numa roda de samba, foi mãe, separou-se, voltou à sua terra natal e hoje continua vivendo com originalidade, buscando sempre encarar novos desafios com determinação, samba no pé e na ponta da língua!

*Vestiu uma camisa listrada e saiu por aí,
Em vez de tomar chá com torradas ele bebeu parati,
Levava um canivete no cinto e um pandeiro na mão,
E sorria quando o povo dizia: sossega leão, sossega leão.*

*Tirou o seu anel de doutor para não dar o que falar,
E saiu dizendo eu quero mamar,
Mamãe eu quero mamar, mamãe eu quero mamar.*

*Levava um canivete no cinto e um pandeiro na mão,
E sorria quando o povo dizia: sossega leão, sossega leão...³⁰*

❖ *SOMOS FEITAS DE RETALHOS: Declamação de Selma*

A tua participação no espetáculo, Selminha, foi muito especial. Tanto porque simbolicamente entrelaçavas as lembranças relatadas das nossas alunas ao costurar uma colcha de retalhos no palco, quanto porque declamavas o poema Colcha de Retalhos da poetisa e contista Cora Coralina: o principal indutor da nossa montagem teatral, responsável por costurar as histórias.

Assim como muitas mulheres, inclusive algumas de nossas alunas, Cora Coralina foi por muito tempo inibida artisticamente por conta das normas impostas em seu casamento. Só depois de viúva, já aos 76 anos de idade, no ano de 1965, lançou seu primeiro livro intitulado Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais, brindando a língua portuguesa com uma obra valor literário inestimável.

*Por isso, sei que a escolha de um poema da Cora para compor o nosso trabalho foi essencial: **significava a potência da terceira idade de se expressar por meio da arte!***

As palavras da artista goiana te emprestaram poder, Selminha, que junto com a tua própria força e a verdade que emprestavas à declamação do poema, enriqueceram nosso e amoroso espetáculo!

³⁰ Trecho da música Camisa Lustrada do compositor Assis Valente

Sou feita de retalhos.

Pedacinhos coloridos de cada vida que passa pela minha e que vou costurando na alma.

Nem sempre bonitos, nem sempre felizes, mas me acrescentam e me fazem ser quem eu sou.

Em cada encontro, em cada contato, vou ficando maior...

Em cada retalho, uma vida, uma lição, um carinho, uma saudade...

Que me tornam mais pessoa, mais humana, mais completa.

E penso que é assim mesmo que a vida se faz: de pedaços de outras gentes que vão se tornando parte da gente também.

E a melhor parte é que nunca estaremos prontos, finalizados...

Haverá sempre um retalho novo para adicionar à alma.

Portanto, obrigada a cada um de vocês, que fazem parte da minha vida e que me permitem engrandecer minha história com os retalhos deixados em mim. Que eu também possa deixar pedacinhos de mim pelos caminhos e que eles possam ser parte das suas histórias.

E que assim, de retalho em retalho, possamos nos tornar, um dia, um imenso bordado de "nós".

Com toda a minha amizade,

Amanda.

BIBLIOGRAFIA DA CARTA MONTAGEM

MELO, Maria Ivone Souza. **Rastros do vintém perdido: uma história de leitura na poesia de Cora Coralina.** 105f. dissertação (mestrado) – Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2011.

RECORTE 5

A carta REFLEXÕES foi escrita no mês de fevereiro de 2017, após a conclusão de todas as atividades do projeto de extensão Teatro, Memória, Música e Poesia na Melhor Idade.

Foi destinada ao professor e coordenador do projeto, Paulo Santana.

CARTA REFLEXÕES

Prezado Paulo,

Quando lembro do período em que estivemos, eu, tu, a Selma e as nossas alunas, compenetrados na montagem do espetáculo Colcha de Retalhos, antes mesmo de remeter todo o processo ao lindo texto da escritora Cora Coralina, que nos serviu de indutor nesta empreitada cênica, penso na profunda importância do nosso trabalho com a memória da terceira idade a partir do poema A criança que fui chora na estrada do genial Fernando Pessoa.

Peço que o leia abaixo:

A criança que fui chora na estrada.

I

A criança que fui chora na estrada.

Deixei-a ali quando vim ser quem sou;

Mas hoje, vendo que o que sou é nada,

Quero ir buscar quem fui onde ficou.

Ah, como hei-de encontrá-lo? Quem errou

A vinda tem a regressão errada.

Já não sei de onde vim nem onde estou.

De o não saber, minha alma está parada.

Se ao menos atingir neste lugar

Um alto monte, de onde possa enfim

O que esqueci, olhando-o, lembrar,

Na ausência, ao menos, saberei de mim,

E, ao ver-me tal qual fui ao longe, achar

Em mim um pouco de quando era assim.

II

Dia a dia mudamos para quem

Amanhã não veremos. Hora a hora

Nosso diverso e sucessivo alguém

Desce uma vasta escadaria agora.

E uma multidão que desce, sem

*Que um saiba de outros. Vejo-os meus e fora.
 Ah, que horrorosa semelhança têm!
 São um múltiplo mesmo que se ignora.
 Olho-os. Nenhum sou eu, a todos sendo.
 E a multidão engrossa, alheia a ver-me, Sem que eu perceba de onde vai crescendo.
 Sinto-os a todos dentro em mim mover-me,
 E, inúmero, prolixo, vou descendo
 Até passar por todos e perder-me.*

III

*Meu Deus! Meu Deus! Quem sou, que desconheço
 O que sinto que sou? Quem quero ser
 Mora, distante, onde meu ser esqueço,
 Parte, remoto, para me não ter.³¹*

Na minha opinião, este poema traduz boa parte da nossa intenção ao criar um espetáculo preocupado em revelar histórias de vida da forma mais simples e honesta possível. Simples por não utilizar de grandes recursos cênicos e honesta por destacar no palco experiências de vida selecionadas e contadas por quem as viveu, sentiu, sonhou, desejou.

Veja bem, para mim o teatro é sempre verdadeiro, não importa o conteúdo ou a estética de sua encenação, e o honesto aqui não se trata de um contraponto da verdade, mas sim de um termo que retire uma das principais camadas que usualmente compõe a cena: a atuação; ou que pelo menos a redimensione para um campo onde personagem e ator se confundam, onde não estejam completamente distanciados.

Por isso chamo toda nossa trajetória de inserção da terceira idade no âmbito teatral, de Teatro-Memória, pois estive na busca constante de, por meio do espaço cênico, possibilitar o trabalho de rememoração, de reconstrução lúdica das trilhas antes percorridas, numa atualização renovadora do passado, num resgate de identidade, de afetos, de vida.

Acredito que a importância maior da etapa da montagem teatral foi a de não permitir que as idosas que dela participaram deixassem sua criança chorando na estrada, para então perderem-se de si e se acreditarem um nada, assim como aconteceu com o eu-lírico do poema acima.

Nisso a construção do espetáculo teve êxito! E não sou eu quem digo, mas sim uma de nossas alunas, a Graça Barbosa, a querida Gracita. Ela me escreveu e permitiu que eu te reportasse as leituras que fez da experiência durante todo o percurso do projeto, desde a oficina até a apresentação do espetáculo em novembro do ano passado.

Carta da Gracita:

³¹PESSOA, 1993, p.90.

Querida Amanda,

Participar deste projeto trouxe para mim a oportunidade de comprovar que eu posso várias coisas, como por exemplo: exercitar a minha memória, mas não só no sentido de resgatar a memória oral, não contada e que parecia estar se perdendo. Mas também de exercitar a memorização, o aprendizado de coisas novas.

Eu achava que não conseguiria “decorar” mais nada, nem letras de música que é o que eu mais gosto de aprender. O projeto me proporcionou isso. Eu posso memorizar!

Alguns fatos da minha vida que estavam se perdendo na lembrança, surgiram fortemente, me mostrando que estavam vivos, dentro de minha mente. Precisando vir à tona, ser aceitos, ser trabalhado, ser compartilhado. Isso é autoconhecimento. É exercício de autoestima e de amor próprio. Assim como é de confiança mútua.

Eu estou muito feliz! Aprendendo a lidar com minhas emoções adormecidas; arrancando do mais íntimo do meu ser, dores guardadas como tesouros e deixando-as sair, tomar outras formas.

Eu quero isso para minha vida. Descobri que gosto de estar no palco. Gosto de teatro, tanto quando gosto de cantar e de poesias. Agora sim posso tentar memorizar as poesias que amo.

Eu sou o meu próprio limite. Se eu quero eu posso.

Obrigada por terem pensado em trazer o teatro para minha vida. Estou acordando mais uma vez.

Graça Barbosa.

Ela está acordando mais uma vez, Paulo! Isso é forte e muito bonito. É a potência transformadora do teatro em ação. Fez-me lembrar também que o teatro,

segundo Boal³², é em essência o ser humano se pondo em auto-observação, o que não deixa de gerar um conhecimento de si próprio quanto mais essa observação é exercitada.

Nesse quesito as seis alunas que permaneceram até a conclusão do projeto estão de parabéns. Puseram-se a repensar muitos detalhes de suas vidas e tiveram a vontade e a determinação para expressar o que queriam num palco, para uma plateia lotada de familiares, amigos e colegas.

O professor R. L. Ribeiro já havia escrito sobre a diferença do espectador de uma montagem teatral realizada com idosos em comparação com um espetáculo encenado por outras faixas etárias. Percebe como tudo o que ele diz foi visto na noite de apresentação da nossa encenação:

“A criação do espetáculo culmina no momento mágico da apresentação. Dividir com um público especial o seu trabalho é para este ator, também especial, que procura o teatro na terceira idade um momento de afirmação social e familiar. Ao vencer a barreira que parecia intransponível, ao eliminar medos e temores chega à vitória final [...], a interligação entre o palco e a plateia cria um rito de celebração no qual se penetra como numa experiência catártica. [...] Tudo isso gera uma corrente de energia positiva através da atenção comprometida. A espera ansiosa pela entrada do representante familiar na apresentação e os aplausos encantados a cada cena, marcam o tempo mítico da festa que se instaura soberano na casa de espetáculos.”³³

A energia trocada entre a plateia e o palco foi contagiante. Os espectadores não deixavam de reagir a cada riso, lágrima ou canção que preenchesse as cenas. Riam junto, choravam junto, cantavam junto. Pode ser que vissem puramente suas mães, tias, avós e amigas, ou talvez enxergassem alguma mutação de suas queridas familiares sob a iluminação cênica, cobertas por um figurino e em meio a um cenário repleto de colchas de retalho coloridas; talvez o olhar distanciado, a nova perspectiva, tenham proporcionado ao público um sentimento inédito com relação a quem sempre esteve ali do lado, no dia-a-dia, exercendo seu papel, seja qual for ele. Uma pequena modificação, no entanto, deu aos espectadores uma sensação nova, pôs em seus olhos surpresa e admiração e tornou uma pequena encenação um momento de grande celebração.

As amizades construídas foram outro ponto forte e inesperado do trajeto do projeto, Paulo. Digo inesperado por um motivo bem simples, pois como as nossas

³²1996, p.27

³³RIBEIRO, 2009, p.140.

alunas já se conheciam e frequentavam o mesmo espaço - a ONG do Bolonha -, e algumas até as mesmas atividades, acreditei que o projeto viria a fortalecer laços de afeto já existentes; não pensei, pelo contexto, que viéssemos a facilitar a criação de novos vínculos por pessoas que há muito conviviam no Bolonha.

Eis que o depoimento do grupo que permaneceu conosco até o final do trabalho veio relevar que um dos principais benefícios do projeto foi proporcionar às participantes uma relação de amizade. Uma delas até declamou a letra da canção Amigo é casa, composta por Capiba e Hermínio Bello de Carvalho, para o meu prazer e de todas as presentes em nossa confraternização:

*Amigo é feito casa que se faz aos poucos
e com paciência pra durar pra sempre
Mas é preciso ter muito tijolo e terra
preparar reboco, construir tramelas
Usar a sapiência de um João-de-barro
que constrói com arte a sua residência
há que o alicerce seja muito resistente
que às chuvas e aos ventos possa então a proteger
E há que fincar muito jequitibá
e vigas de jatobá
e adubar o jardim e plantar muita flor toiceiras de resedás
não falte um caramanchão pros tempos idos lembrar
que os cabelos brancos vão surgindo
Que nem mato na roceira
que mal dá pra capinar
e há que ver os pés de manacá
cheínhos de sabiás
sabendo que os rouxinóis vão trazer arreboís
choro de imaginar!
pra festa da cumieira não faltem os violões!
muito milho ardendo na fogueira
e quentão farto em gengibre
aquecendo os corações
A casa é amizade construída aos poucos*

*e que a gente quer com beira e tribeira
 Com gelosia feita de matéria rara
 e altas platibandas, com portão bem largo
 que é pra se entrar sorrindo
 nas horas incertas
 sem fazer alarde, sem causar transtorno
 Amigo que é amigo quando quer estar presente
 faz-se quase transparente sem deixar-se perceber
 Amigo é pra ficar, se chegar, se achegar,
 se abraçar, se beijar, se louvar, bendizer
 Amigo a gente acolhe, recolhe e agasalha
 e oferece lugar pra dormir e comer
 Amigo que é amigo não puxa tapete
 oferece pra gente o melhor que tem e o que nem tem
 quando não tem, finge que tem,
 faz o que pode e o seu coração reparte que nem pão’.*

Fui tomada de alegria após dimensionar o quanto nossa ação enriqueceu tanto a nós que a planejamos, pois crescemos enquanto profissionais do teatro e da docência, quanto àquelas a quem nosso trabalho foi voltado, contribuindo com a formação de novos círculos de amizade, com a fomentação da prática artística, com a melhora da autoestima, das relações familiares, da experiência com o próprio passado. E me preocupou, por outro lado, saber que o convívio das pessoas da terceira idade nas demais atividades da ONG não produzia relações mais íntimas, mais sensíveis, mais humanas.

Eu me recordo, Paulo, que tu já havias me declarado acreditar que o nosso parceiro de projeto, o Bolonha, geria suas atividades destinadas ao idoso, sempre visando seu bem estar físico (o que é muito importante), mas negligenciando outros aspectos de suas necessidades, como o seu desenvolvimento cultural e social, por exemplo. Então, ao me deparar com a realidade de que este centro não possibilita aos seus associados um conhecimento e reconhecimento maior entre si, não se dispõe a trabalhar empatias, a facilitar o contato mais amoroso entre seus membros, fui levada a compreender a fundamentação da tua análise.

O que posso verificar a partir da estrutura de funcionamento do Bolonha é a supervalorização dos serviços que oferecem cuidados com a saúde física, que previnam doenças e melhorem o vigor dos idosos, e uma quase total desatenção

para as práticas que fortaleçam suas inter-relações, que alcancem suas subjetividades e que os enxerguem enquanto indivíduos, com suas características e personalidade próprias, não somente como parte de um grupo maior e homogêneo.

Até mesmo as atividades artísticas são conduzidas visando somente seu bom desempenho técnico. A exemplo cito as aulas de dança de salão que focam no repasse das coreografias, na memorização crua dos movimentos e passos, sem abrir espaço para trabalhar a relação dos idosos com a dança, com as músicas, com seus pares de bailado e seus colegas de turma.

Dessa forma, a ligação das pessoas com a ONG torna-se muitas vezes superficial, limitando a instituição a ser parte de uma rotina que serve mais para preencher o tempo dos que já se aposentaram, do que para valorizá-los incentivando práticas que trabalhem o seu desenvolvimento integral, que os ajude a erguer, aos poucos, casas-amizade.

Vale ressaltar, Paulo, que esse tipo de oferta para a terceira idade parte de uma ideologia que olha para os sujeitos que vivem a velhice como consumidores em potencial, ignorando suas riquezas existenciais. O que interessa nessa visão é incluir o idoso como cidadão ativo e de direitos pelo seu poder de compra, renegando àqueles que não o possuem às margens da sociedade.

O filósofo e jurista Norberto Bobbio já havia evidenciado esse fenômeno como uma retórica, justamente, de um imaginário que liga a velhice à doença, à desgraça, à problema. Mas alerta para o condição nociva dessa perspectiva.

[...] hoje existe uma retórica da velhice que [...] se apresenta, sobretudo através das mensagens televisivas, com uma forma disfarçada e aliás efficientíssima de captatio benevolentiae³⁴ dirigida aos eventuais novos consumidores. Nessas mensagens não o velho, mas o ancião, termo neutro, aparece bem apessoado, sorridente, feliz de estar no mundo, porque pode enfim desfrutar de um tônico particularmente fortificante, ou de férias particularmente atraentes. E assim também ele se transforma em um celebradíssimo membro da sociedade de consumo, trazendo consigo novas demandas de mercadorias, bem-vindo colaborador da ampliação do mercado. Em uma sociedade onde tudo pode ser comprado e vendido, onde tudo tem um preço, também a velhice pode transformar-se em uma mercadoria como todas as outras.³⁵

³⁴*Captatio Benevolentiae* - Expressão da retórica latina que significa literalmente “conquista da benevolência”

³⁵BOBBIO, 1997, p.25-6

Por ser italiano, Bobbio fala de dentro do contexto de seu país, mas aqui no Brasil também essa orientação do ideal capitalista para o trato com os indivíduos na fase da velhice se apresenta, variando um pouco os termos, equivalendo-se, porém, o conteúdo e a pretensão. Aqui, o termo neutro “ancião” é substituído por “terceira idade” ou “idoso”. O “velho”, em todo seu universo biopsicossocial, não é digno de representar a nova demanda do mercado.

Impor uma lógica corrosiva como a de mercado em um trabalho com velhos (reintegro a dignidade do termo) é extremamente prejudicial. Este pensamento não se esconde e logo aparece em atitudes, em imposições. Eu mesma presenciei, Paulo, situações onde alguns profissionais do Bolonha, por estarem impregnados dessa lógica ou por ignorarem atributos básicos relativos à velhice, cobravam, por exemplo, rapidez, pressa na execução de tarefas. Até mesmo durante a apresentação do nosso espetáculo (que durou aproximadamente uma hora), dos bastidores, fui chamada a atenção por assistentes e coordenadores do Bolonha, por conta da “demora”.

Bom, o que eles chamavam de demora, eu chamo de tempo da memória ou até mesmo tempo da velhice que não é o mesmo do tempo do adulto, ou da criança e não deve ser obrigado a se adequar e, com isso, perder sua qualidade própria. Aqui volto a citar Bobbio que, segundo a própria experiência concluiu que:

“[...] o que distingue a velhice da juventude, e também da maturidade, é a lentidão dos movimentos do corpo e da mente. A vida do velho desenvolve-se em marcha lenta. São cada vez mais lentos os movimentos das mãos e dos dedos [...]. É cada vez mais lento o passo.”³⁶

Essa lentidão não é errada, é apenas característica de uma fase da vida humana, e como a psicóloga e doutora em Ciências Sociais, Ana Fraiman, afirma:

“O problema da velhice não é a lentidão dos gestos. [...] É a agressividade do outro, a agilidade das inúmeras afrontas que os velhos recebem, que fazem crer que o seu ritmo biológico lentificado e até desvitalizado seja uma perda intransponível.”³⁷

Nesse momento alcanço outro fator que garante a importância da atuação de projetos como o nosso, Paulo, que deve servir de exemplo por fugir da lógica de

³⁶ 1997, p. 46-7

³⁷ FRAIMAN, 2004, p.22

mercado, e incluir o idoso numa comunidade de real afeição, de legítimo interesse por sua particularidade, reconhecimento da complexidade e variedade de sua condição e ampliação do olhar para suas necessidades.

Parto agora para outra reflexão (de muitas!) sobre o percurso do projeto, Paulo, que traz uma discussão sobre a qualidade terapêutica existente ou não na forma como eu e a Selma conduzíamos os exercícios e jogos durante a oficina teatral. Antes de fazer qualquer consideração a esse respeito, quero que leias o relato da Esmeralda, nossa aluna:

Amanda,

Valeu muito esta oficina. Me fez mais desinibida.

Eu tinha muita vergonha de me apresentar, falar alguma coisa em público.

As minhas memórias já esquecidas pelo tempo: foi seguindo, devagarzinho; coisas que estavam lá na minha infância que eu fui lembrando no decorrer das nossas oficinas. Aprendi a me relacionar mais.

Quando vocês davam um tema para criarmos os personagens, isto me fez ir perdendo a inibição.

Pra mim foi muito gratificante.

Gostaria de continuar.

Nosso grupo está tão bem entrosado, acho que nos tornamos uma família.

Eu, quando venho pra fazer teatro, chego em casa relaxada.

Fico feliz porque meu filho, meu neto que mora comigo, me perguntam como foi e me incentivam a continuar.

Esmeralda Rebelo.

Adoro a espontaneidade da Esmeralda, Paulo. Posso reconhecer assim como ela o quanto sua passagem pela oficina favoreceu a diminuição da sua timidez, à medida que a tornava mais autoconfiante, destemida. Saber que, somado a isso, a Esmeralda também se percebeu mais relaxada depois das aulas de teatro, como destaquei em negrito em sua carta, chamou minha atenção para a fronteira entre o teatro e a terapia, pois a sensação de bem-estar por parte da terceira idade após sessões de arteterapia são comumente relatadas, assim como destaca a psicóloga, psicopedagoga e arteterapeuta, Vanessa Coutinho em seu livro Arteterapia com idosos.

Através da leitura desse livro pude entender com que proposito os profissionais da psicologia adicionam ao seu trabalho a arte. Segundo Coutinho a arte interessa aos terapeutas - que a observam sem julgamento estético - conforme

*produz imagens que funcionam como mapas simbólicos rumo aos conteúdos inconscientes, e que a terapia é a possibilidade de autoconhecimento*³⁸.

Nesse sentido, o trabalho realizado com as idosas no projeto, ao criar meios criativos de rememoração, inevitavelmente conduzia as participantes ao encontro consigo mesmas. O caminho era por nós indicado, mas totalmente percorrido por elas e não nos preocupávamos em analisá-los, compreendê-los ou avaliá-los, mas sim permitíamos que fossem expostos, compartilhados, exteriorizados por meio dos jogos, exercícios e rodas de conversa. Existem grandes proximidades do nosso projeto com os métodos utilizados pela arteterapia para alcançar a subjetividade dos idosos, porém, mesmo que o caminho seja parecido, o propósito, a essência do trabalho muda completamente.

Paulo, acredito que o parágrafo que selecionei do livro, abaixo, resume as aproximações da arteterapia com idosos com o Projeto Teatro, Memória, Música e Poesia na Melhor Idade:

“A Arteterapia pode auxiliar a diminuir alguns preconceitos, como o de que pessoas idosas são pouco criativas. Na realidade, quando são proporcionadas as oportunidades, os idosos são tão capazes de se expressar criativamente quanto qualquer um. E isso é fundamental na recuperação e na manutenção da saúde emocional do sujeito. Criando, “fazendo arte”, falamos de nós, de nosso tempo, nossa história, nossos medos e anseios. Entramos em contato com conteúdos, muitas vezes, desconhecidos para nossa consciência. Mergulhamos em um universo prazeroso, capaz de libertar e organizar afetos.”³⁹

Por fim, Paulo, quero falar dessa liberdade própria da arte e por isso, própria do teatro, e como foi gratificante vê-la brotar nas nossas alunas, quando se permitiam ir um pouco mais além, falar um pouco mais, ouvir um pouco mais, sentir um pouco mais e lembrar um pouco mais do que costumavam. Quando perceberam que era seguro se expressar em cena, que não era errado, que elas não seriam ridicularizadas ou mal vistas, que podiam ali dizer o que realmente pensavam da vida, das suas vidas, como entendiam as suas histórias.

A liberdade esteve presente em todo o nosso trabalho. Nada foi imposto, nada deixou de ser discutido entre todos os participantes, nada foi determinado por imperativos. O que pude notar a esse respeito foi, inclusive, o medo de tanta liberdade, a estranheza desse tipo de abordagem onde todos podem e devem ser ouvidos. Acredito que esse foi um dos grandes motivos, dentre outros, que levaram

³⁸ COUTINHO, 2008, p.11

³⁹ COUTINHO, 2008, p.75

muitas das participantes que iniciaram o projeto a abandonarem nossa trajetória no meio ou até perto do final do caminho. Afinal, a liberdade carrega consigo desejos, e estes não podem ser impostos por outras pessoas. Não se pode obrigar alguém a querer compartilhar suas memórias e usar toda a liberdade que possui para tal.

Para usufruir da liberdade, também é preciso coragem. E as seis mulheres que caminharam conosco até o “fechamento das cortinas” do espetáculo Colcha de Retalhos são grande exemplo dessa coragem. Elas foram determinadas e por isso, determinantes em todo o processo. Elas transpuseram todas as barreiras interiores e exteriores, visíveis e invisíveis. Dos medos e das vergonhas, do esquecimento, dos apegos e do cansaço.

Talvez nunca saibamos, Paulo, tudo o que elas precisaram superar para estarem conosco durante esse lindo processo, e me felicita saber que para o teatro, o nosso fazer teatral, todas elas traziam as melhores energias, grande empenho e vontade de fazer mais e melhor. Por isso, no meu íntimo, tenho-as com tanto carinho, e as chamo assim: Francisca Sorriso-Fácil, Gracita Voz-de-Encanto, Terezinha Brilho-nos-Olhos, Elmira dos Cabelos Dourados, Magá Pés-de-Baile e Esmeralda Coração Grandão.

Aprendi uma última lição que até aqui nenhuma aula da faculdade havia me ensinado: para ser professor é preciso saber lidar com a saudade.

Espero que nós todos que costuramos amor, criatividade, alegria, histórias e amizade nessa grande colcha de retalhos que foi nosso trajeto no projeto, possamos nos encontrar em breve!

Abraços,

Amanda.

REFERÊNCIAS DA CARTA REFLEXÕES

BOAL, Augusto. **O arco-íris do desejo: método Boal de teatro e terapia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

COUTINHO, Vanessa. **Arteterapia com idosos: ensaios e relatos**. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2008.

FRAIMAN, Ana. **Coisas da idade**. São Paulo: Alexa Cultural, 2004.

RIBEIRO, Jose Luiz. **O teatro na terceira idade**. In FLORENTINO, A. e TELLES, N (orgs). **Cartografias do ensino do teatro**. EDUFU: Uberlândia, 2009

PESSOA, Fernando. **Novas Poesias Inéditas**. 4^a ed. Lisboa: Ática, 1993.